

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Juliana de Oliveira Pokorski

**O TRADUTOR E INTÉRPRETE NAS TESES E DISSERTAÇÕES PRODUZIDAS  
POR SURDOS**

Porto Alegre  
2024

Juliana de Oliveira Pokorski

**O TRADUTOR E INTÉRPRETE NAS TESES E DISSERTAÇÕES PRODUZIDAS  
POR SURDOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Letras com ênfase em Tradução e Interpretação de Português/Libras do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharela em Letras.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lia Schulz

Porto Alegre  
2024

### CIP – Catalogação na Publicação

Pokorski, Juliana de Oliveira  
O tradutor e intérprete nas teses e  
dissertações produzidas por surdos / Juliana de  
Oliveira Pokorski. - 2024.  
54 f.

Orientadora: Lia Schulz.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em  
Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, BR-RS,  
2024.

1. Tradução e Interpretação de língua de  
sinais. 2. Pós-graduação. 3. Tradução e  
autoria. 4. Tradutor Intérprete de Libras. I.  
Schulz, Lia, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JULIANA DE OLIVEIRA POKORSKI

**O TRADUTOR E INTÉRPRETE NAS TESES E DISSERTAÇÕES PRODUZIDAS  
POR SURDOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharela em Letras” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Letras - Tradutor e Intérprete de Libras/ Português.

Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2024.

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Lia Schulz  
Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dra. Maria Cristina Pires Pereira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Me. Ângela Russo  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho é dedicado a todos/as os/as tradutores e intérpretes de Libras que desenvolvem com seriedade a sua profissão, sobretudo a tarefa da tradução acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho de Conclusão marca o fechamento de um percurso. Deste modo, ao escrever esses agradecimentos, sinto que me remeto não somente a quem participou e auxiliou para o fechamento desta escrita, mas para quem acompanhou a caminhada, desde o início do curso que se conclui com essas páginas.

Inicialmente agradeço à minha orientadora Lia, que conheci lá no início do curso, quando era professora substituta no nosso curso que apenas começava com a sua primeira turma. Lia, teu jeito carinhoso, tua crença no potencial dos teus estudantes (e nisso eu me incluo), fez muita diferença para que eu tivesse forças para finalizar essa escrita nesse semestre tão caótico. Para mim és um exemplo de didática, de força, de empatia. Tenho muito ainda a aprender contigo e espero que nossa parceria não finalize com esse curso.

Agradeço também a todos os demais professores do curso, eu nunca objetivei com essa formação descobrir uma nova carreira, mas sei que aprendi muito ao longo dessa trajetória, embora ela tenha durado mais do que inicialmente eu esperava.

Agradeço a todos colegas que tive, e foram tantos! Quando paro para pensar, lembro de tanta gente que já se formou, que vai se formar em breve, com quem compartilhei estágios, disciplinas, gente que foi colega-aluno, que de colega virou “orientadora” de estágio (Camila, tu és o meu grande exemplo nesse curso!), gente que infelizmente nem está mais nesse plano, ou deixou o curso no meio do caminho, mas na minha trajetória deixou marcas.

Não foi fácil fazer o curso devagarinho, encaixado em meio a uma rotina de quem trabalha 40h, e ter de a cada semestre conhecer gente nova, já que não tinha como acompanhar turma alguma. Encontrei tanto acolhimento, compartilhei aprendizagens, experiências e almoços no RU que tornaram minhas manhãs ainda mais bonitas. Reservo um agradecimento especial à Sandrine, minha parceira de formatura, que me lembrou o tempo todo que “esse TCC feito num momento caótico e conturbado das nossas vidas” não deveria me definir.

Ao Fernando, que se dispôs a “dar uma última olhada” neste texto, trazendo um respiro para este momento final de escrita, quando nossos olhos não enxergam mais as vírgulas faltantes ou colocadas fora do lugar.

E por fim, agradeço ao meu marido Rafael, a quem já agradei em tantos outros trabalhos, mas que sempre foi o meu maior suporte, me ajudando a colocar a cabeça no lugar em meio as minhas crises com prazos, desentendimentos com as escritas e leituras deste TCC.

## RESUMO

Centrado na pergunta “Quais as representações sobre os tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa (TILSP) presentes nas teses e dissertações produzidas por surdos?”, o presente estudo utiliza ferramentas teóricas dos Estudos Culturais e dos Estudos da Tradução em suas análises. Tem por objetivos: a) investigar as representações a respeito dos TILSP e dos processos de tradução e interpretação postas em circulação nas teses e dissertações produzidas por surdos; e b) discutir, ainda que de maneira breve, o contexto histórico, social e político que possibilitou a existência das diferentes representações a respeito dos/as TILSP e registros de processos de tradução e ou interpretação se fizessem presentes nos textos surdos. O objeto de análise foi constituído por excertos de 28 trabalhos acadêmicos, entre teses e dissertações, os quais possibilitaram perceber a presença de tradutores e intérpretes ao longo de todo percurso da construção da pesquisa, seu registro, bem como da própria constituição do sujeito surdo acadêmico. Entre os resultados encontrados, evidencia-se a impossibilidade de neutralidade da tradução e a importância de se pensar a formação dos tradutores e intérpretes não olhando apenas para a língua de sinais, mas também para o português, uma vez que ambas as línguas são ativas nos processos tradutórios.

**Palavras-chave:** Tradução e Interpretação de língua de sinais; Pós-graduação; Tradução e autoria; Tradutor Intérprete de Libras.

## **ABSTRACT**

Centered on the question “What are the representations about Libras and Portuguese translators and interpreters (TILSP) present in theses and dissertations produced by deaf people?”, this study uses theoretical tools from Cultural Studies and Translation Studies in its analyses. Its objectives are: a) to investigate the representations regarding TILSP and the translation and interpretation processes put into circulation in theses and dissertations produced by deaf people; and b) discuss, albeit briefly, the historical, social and political context that allowed the existence of different representations regarding TILSP and records of translation and/or interpretation processes to be present in deaf texts. The object of analysis was made up of excerpts from 28 academic works, including theses and dissertations, which made it possible to perceive the presence of translators and interpreters throughout the construction of the research, its recording, as well as the constitution of the deaf subject itself. Among the results found, the impossibility of translation neutrality and the importance of thinking about the training of translators and interpreters are highlighted, not only looking at sign language, but also at Portuguese, since both languages are active in translation processes.

**Keywords:** Sign language translation and interpretation; Postgraduate studies; Translation and authorship; Libras Interpreter and Translator.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>COMO SE CONSTITUI ESTA PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>ONDE ESTÃO OS SURDOS, LÁ ESTÃO OS INTÉRPRETES: A CONSTITUIÇÃO DO PROFISSIONAL TILSP QUE ATUA NO PPG .....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>A PRESENÇA DO TILSP NA VIDA ACADÊMICA: DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA À PUBLICAÇÃO TEXTO FINAL.....</b>	<b>31</b>
4.1	A PRÁTICA DE INTERPRETAÇÃO NA DINÂMICA DA SALA DE AULA.....	34
4.2	TILSP NA PRODUÇÃO DOS DADOS.....	36
4.3	TRADUÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES.....	41
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é motivada por experiências e inquietações que vêm se construindo desde a minha primeira graduação quando analisei em meu trabalho de conclusão (Pokorski, 2010) as teses e dissertações produzidas por surdos na Faculdade de Educação da UFRGS, estudo que aprofundei e ampliei durante meu doutorado em educação<sup>1</sup> (Pokorski, 2020). Em ambas as pesquisas, me detive a pensar sobretudo o sujeito surdo no espaço na pós-graduação, como um sujeito bilíngue<sup>2</sup> que muitas vezes habita de maneira conflitante – porém, resistente – o espaço acadêmico.

Tais pesquisas se relacionam com minha experiência que, desde a iniciação científica, produz investigações em parceria de pesquisadores surdos; minha curta vivência profissional pregressa como tradutora e intérprete na UFRGS; e também com as leituras e discussões feitas durante o curso de bacharelado em Letras – tradutor e intérprete de Libras. Da interseção entre o campo da educação, onde até então produzi minhas pesquisas, e o campo da tradução, onde atualmente me posiciono como graduanda, surge o presente trabalho de conclusão, que se propõe revisitar as teses e dissertações produzidas por surdos. Para tal, encontro no *corpus*<sup>3</sup> produzido em 2020 para minha pesquisa de doutorado outras possibilidades de análise, a partir do campo disciplinar dos Estudos da Tradução.

A presença cada vez mais significativa de surdos nos programas de pós-graduação tem feito emergir a necessidade de pensar no papel do tradutor-intérprete de Libras e Português (TILSP<sup>4</sup>) como um sujeito ativo dos processos e experiências desses sujeitos na vida acadêmica. Tomando a UFRGS como exemplo, de 1998, ano de formação da primeira mestre surda do Brasil, até o ano de 2023, temos o registro de que já haviam sido defendidas 20 dissertações e

---

<sup>1</sup> No mesmo ano em que adentrei no curso de Bacharelado em Letras também ingressei no curso de doutorado em educação e, sem dúvida, a escrita do presente texto tem muita relação com a articulação de leituras e experiências deste “duplo” percurso empreendido ao longo dos últimos anos.

<sup>2</sup> Concordo com Flory e Souza (2009) ao afirmarem que não existe um consenso a respeito do conceito de bilinguismo. Por outro lado, assim como as autoras, também considero que o conceito de bilíngue como alguém que tem proficiência em duas línguas, tal como um nativo, é bastante restritivo, embora habite concepções do senso comum. Neste texto, me aproximo de definições mais amplas abordadas no mesmo artigo, em que diferentes níveis de proficiência nas duas línguas podem ser considerados, deste modo conceituo os sujeitos surdos como bilíngues por considerar que eles transitam também no português, para além da Libras, ainda que nem sempre tenham uma leitura ou escrita próxima de um nativo.

<sup>3</sup> Em um dos apêndices de minha tese trago um extenso quadro de 19 páginas com títulos de todas as teses e dissertações produzidas por surdos encontradas na época.

<sup>4</sup> Tenho visto na literatura, de maneira geral o termo TILS ser mais amplamente utilizado, no entanto optei por trazer ênfase ao português também por, neste trabalho, considerar relevante pensar o papel da tradução dos textos em Libras para o Português, língua na qual as narrativas que analiso, foram registradas.

13 teses<sup>5</sup> por autores surdos. Ao longo de muitos desses anos, a universidade tem contado com a presença de profissionais atuando na interpretação de aulas, acompanhamento e interpretação dos momentos de orientação e sessões de defesa. Isso inclui a tradução dos textos das teses e dissertações. No entanto, nem sempre esses processos são visibilizados e muito pouco se discute sobre a presença de duas línguas no ambiente da pós-graduação, a partir do momento que os surdos acessam esse espaço.

Sobre essas questões, em setembro de 2023, o Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UFRGS (INCLUIR) promoveu uma capacitação on-line intitulada “Inquietações e desencontros: atuação dos intérpretes da UFRGS/INCLUIR”<sup>6</sup> na qual a equipe de intérpretes apresentou um pouco de sua dinâmica de trabalho na universidade e também descreveu o histórico que possibilitou a emergência de um formato específico de atuação. Em uma das falas iniciais proferidas por Ângela Russo, ela comenta sobre o contexto de entrada dos primeiros surdos na universidade, que também foi seminal para a presença dos TILSP no mesmo contexto.

Aqui na universidade, a língua de sinais prioritariamente se deu dentro do Programa de Pós-graduação em Educação [...], em função principalmente da presença do professor Carlos Skliar [...] que abriu as portas para a língua de sinais e para os pesquisadores surdos, inclusive orientando a doutora Gládis Perlin, que é a primeira pessoa surda a fazer mestrado e doutorado no país [...]. Essa presença do Skliar na UFRGS foi um estopim grande para que a gente também viesse junto, os intérpretes de Libras.<sup>7</sup> (INCLUIR - Inclusão e Acessibilidade - UFRGS)

Na sequência, a profissional descreve um contexto distinto do vivenciado na atualidade pelos servidores efetivos da universidade: inicialmente, eram as próprias alunas do professor Carlos Skliar, colegas dos primeiros mestrados surdos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), Gládis Perlin e Wilson Miranda, que realizavam a interpretação das aulas, em um período que a universidade não tinha qualquer orientação sobre esse processo. Na sequência, intérpretes foram contratados, com honorários pagos semestralmente pelo PPGEDU, via convênio com a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), que recentemente abria escritório em Porto Alegre. Vale lembrar que nesse período não havia uma

---

<sup>5</sup> Produzimos este levantamento no projeto de extensão “Diálogos com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS”, organizando uma planilha que vem sendo constantemente atualizada. Durante os anos de 2019 a 2022 foram produzidas duas edições do projeto de extensão nas quais foram entrevistados a maioria dos mestres e doutores, bem como mestrados e doutorandos surdos da universidade. A série de entrevistas pode ser conferida na playlist disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V0jqipNN1QU&list=PL1d66t-e9tL7-983oS6JrMIAoJROmGUhK>. Acesso em 25 jan. 2024.

<sup>6</sup> A capacitação aconteceu em dois dias, o registro do primeiro encontro pode ser encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=Sk1xWt4TaKc&t=2302s>. Acesso em 25 jan. 2024.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/@incluirufrgs5065>. Acesso em: 25 jan. 2024.

formação específica nos moldes que temos hoje e os contratos eram para atender demandas mais pontuais como a interpretação das aulas e das sessões de defesa de tese e dissertação.

A vinda do professor argentino Carlos Skliar, em 1994, para atuar como docente no PPGEDU, é reiteradamente evidenciada como um marco para o início da constituição dos Estudos Surdos no Brasil (Lopes, 2017). Este movimento teórico, no entanto, não se deu apenas com a presença de uma pessoa, mas dentro de um contexto que possibilitou a emergência não somente de um campo de estudos, mas também de outros modos de enxergar as pessoas surdas, a língua de sinais e os profissionais que com ela atuam. Em sua dissertação, “A emergência dos Estudos Surdos em Educação no Brasil” (Lopes, 2017), a autora, além de destacar a presença de Skliar e consequente criação do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), cita alguns marcos importantes como a reestruturação da Federação Nacional de Educação e Integração de Deficientes Auditivos (FENEIDA) na FENEIS, em 1987; o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos na cidade de Porto Alegre, em 1999, antecedido pelo pré-congresso. Em todos esses espaços e eventos, os TILSP também se faziam presentes, ainda que não com o reconhecimento atual. Em uma das entrevistas elaboradas por Luciane Lopes para compor o *corpus* de sua pesquisa, há o seguinte relato de Madalena Klein a respeito do pré-congresso: “Não sabíamos quantos surdos apareceriam, mas já tínhamos definido que os ouvintes que participariam seriam aqueles intérpretes, que ajudariam na escrita do documento, estariam lá para escrever, os “escreventes” [risos], os escritvães” (Lopes, 2017, p. 22).

O relato apresentado na capacitação do INCLUIR fornece subsídios para pensar um pouco sobre os diferentes contextos e formatos de atuação dos TILSP junto aos mestrandos e doutorandos surdos, bem como reitera o fato de que onde eles estiverem, estarão também os intérpretes. Complementando este argumento, Natália Rigo, em um dos poucos artigos encontrados que tratam de maneira direta sobre a tradução de Libras para o Português no contexto acadêmico, afirma que

A presença crescente de acadêmicos surdos nas universidades e em demais instituições de ensino superior implica, conseqüentemente, novas demandas ao tradutor e ao intérprete atuantes nesse contexto, entre elas, a tradução de textos e trabalhos produzidos por surdos. (Rigo, 2015, p. 2015)

Deste modo, novamente me proponho a analisar as teses e dissertações produzidas por surdos nos programas de pós-graduação brasileiros, do ano de 1998 até o ano de 2018. Este recorte temporal foi feito durante a pesquisa de doutorado, a qual difere desta pesquisa por haver a busca de respostas para a seguinte pergunta: **Quais as representações sobre os**

## **tradutores e intérpretes de Libras presentes nas teses e dissertações produzidas por surdos?**

Parto do conceito de representação de Stuart Hall (2016), o qual compreende que grande parte do sentido que damos às coisas tem relação com a maneira que as representamos, ou seja “[...] as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos” (Hall, 2016, p. 21). As representações são relevantes justamente pelo seu papel na produção de sentidos os quais, segundo o mesmo autor, “regulam e organizam nossas práticas e condutas: auxiliam no estabelecimento de normas e convenções segundo as quais a vida em sociedade é ordenada e administrada” (Hall, 2016, p. 22).

Deste modo, pensar nas representações sobre tradutores e intérpretes de Libras e Português possibilita refletir sobre os significados produzidos sobre esse profissional, seus espaços e formas de atuação, e até mesmo sobre as línguas com que ele executa seu trabalho. Como objetivo geral, me proponho investigar as representações a respeito dos TILSP e dos processos de tradução e interpretação postas em circulação nas teses e dissertações produzidas por surdos. Compreendo, no entanto, que estas representações, os sentidos ou até mesmo a visibilidade para o intérprete é estritamente relacionada ao contexto social, político e histórico em que cada um dos textos se produziu, tal como foi possível observar brevemente por meio da fala de Ângela Russo anteriormente citada. Deste modo, o objetivo principal deste TCC se desdobra no seguinte objetivo específico: discutir, ainda que de maneira breve, o contexto histórico, social e político que possibilitou a existência das diferentes representações a respeito dos/as TILSP e registros de processos de tradução e ou interpretação se fizessem presentes nos textos surdos.

Ao colocar em evidência as formas com que os TILSP são representados nos textos, creio que produzirei subsídios para discutir sobre os espaços e formas de atuação, necessidades de formação e profissionalização, além de colocar em evidência esse sujeito que por vezes é apagado dos textos e até mesmo do espaço acadêmico, ainda que esteja, de algum modo, sempre presente.

Para atender a esses objetivos, o trabalho se organizará em quatro partes. Na primeira seção, abordo com mais detalhes a maneira com que construí esses questionamentos e objetivos, e apresento os processos metodológicos de construção do meu objeto de pesquisa. Na sequência, na primeira seção analítica, discuto sobre as principais representações encontradas sobre o/a TILSP e os processos de tradução e interpretação. Nesta seção ainda abordo os

contextos sociais, políticos e históricos que tornaram possível a presença deste/a profissional no âmbito da pós-graduação, de maneira a melhor evidenciar as condições de possibilidade para que determinadas representações possam circular.

Na seção seguinte, me debruço sobre as narrativas a respeito dos diferentes espaços e momentos em que a tradução e a interpretação se encontram presentes ao longo do desenvolvimento das pesquisas de mestrado e doutorado que compuseram as análises, ainda atenta às formas de significar essas presenças nesses registros. Na última seção, construo o fechamento do trabalho, evidenciando as conclusões possíveis após a análise dos dados. Nesse momento também aponto caminhos para pesquisas futuras, salientando as brechas não possíveis de serem preenchidas neste momento, seja pelas características do trabalho de conclusão, seja por não se relacionarem diretamente aos objetivos propostos.

## 2 COMO SE CONSTITUI ESTA PESQUISA

Ciência nada mais é do que a política por outros meios (Santos, 2005, p. 10).

A Língua Brasileira de Sinais se faz presente em minha vida há muitos anos e na maioria dos círculos sociais que me constituem. Desde 2007, venho pensando a educação de surdos, inicialmente como bolsista de iniciação científica e atualmente como docente na graduação. No entanto, ainda que as pessoas surdas e a Libras tenham estado presentes na minha vida acadêmica no nível superior praticamente desde sempre, somente nos últimos anos tenho prestado um pouco mais de atenção para uma figura que sempre esteve ali: o TILSP. O curso de Bacharelado em Letras-Tradutor e Intérprete de Libras/Português sem dúvida teve um papel imprescindível para que eu atentasse para este ponto.

Durante os anos de 2016 a 2020, desenvolvi uma pesquisa na qual analisei as narrativas registradas em teses e dissertações produzidas em programas de pós-graduação brasileiros no período de 1998 até 2018. Partindo da pergunta “Que representações sobre ‘ser surdo’ e sobre as experiências acadêmicas circulam em teses e dissertações de surdos”, construí um *corpus* analítico com um total de 207 produções acadêmicas, em que foi privilegiada a leitura das seções introdutórias dos textos. A escolha por essas partes específicas se deu em função de que, geralmente, são nesses espaços em que as narrativas de si se fazem presentes.

Na época, um dos objetivos específicos da investigação era o de “[...] discutir as representações do espaço acadêmico, das línguas que circulam nesse espaço e dos profissionais que nele atuam (professores e intérpretes)” (Pokorski, 2020, p. 21). Para a presente pesquisa, me aproximo deste objetivo ao dedicar minha atenção para o tradutor intérprete. Uma das conclusões a que cheguei ao analisar as narrativas sobre a vida acadêmica era a de que a presença da língua de sinais no ambiente da pós-graduação era uma das chaves para a constituição de uma identidade surda acadêmica. Nesse processo, destacaram-se os orientadores e tradutores como aqueles que possibilitam a produção de um texto acadêmico no qual se imprime o caráter bilíngue da autoria. Na época, no entanto, não consegui aprofundar a discussão, o que impulsionou o desejo de dar continuidade à investigação neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Durante todos os anos que frequentei a pós-graduação, desde a especialização até o doutorado, tive colegas surdos. Em todos esses anos lembro de pouquíssimas disciplinas que

fiz sem a presença de TILSP<sup>8</sup>, e com frequência, ao conversar com colegas, eles me comentavam sobre qual profissional estava acompanhando a escrita de suas teses ou dissertações. Eu mesma já atuei como tradutora de entrevistas realizadas por surdos para a produção de dados de suas pesquisas, na época em que atuava como servidora técnica<sup>9</sup> TILSP na universidade, ainda que não tivesse refletido teoricamente sobre esta prática.

Pensar nos processos de tradução e interpretação envolvidos na presença surda na academia, ou nos modos com que são garantidas as possibilidades de ingresso, participação e aprendizagem nesse espaço, é um ato político (e aqui justifico a escolha da epígrafe que inicia esta seção). Implica pensar em outros modos de habitar o ambiente da pós-graduação outrora visto como tão homogêneo, no qual todos deveriam produzir textos com estruturas semelhantes e em tempos pré-determinados. Discutir, por exemplo, que, ao preparar uma aula com estudantes surdos, é necessário enviar o material da aula com antecedência aos intérpretes para que possam estudar os termos, pensar em estratégias linguísticas e tradutórias para qualificar a sua atuação; ou ainda compreender que a escrita e a leitura dos acadêmicos surdos em português por muitas vezes é atravessada e constituída pela tradução, a qual exige tempo e produz a necessidade de questionar prazos, padrões *etc.*

Sobre a questão dos prazos, cabe salientar que os programas de pós-graduação costumam ser bastante enfáticos no limite de 2 anos para entrega de dissertações de mestrado e 4 anos para as teses de doutorado. O respeito a esse limite pode inclusive afetar a nota dos programas e, conseqüentemente, o financiamento recebido do Governo Federal. No entanto, esses prazos não levam em conta o tempo necessário para que textos sejam traduzidos entre as línguas que se fazem presentes na dinâmica acadêmica quando se tem estudantes surdos nesses

---

<sup>8</sup> A dinâmica da pós-graduação *stricto sensu*, ao menos no PPGEDU UFRGS, é diferente dos cursos de graduação em que grande parte do currículo é composto por disciplinas que são compartilhadas entre todos os graduandos do semestre corrente. No mestrado e doutorado que realizei tínhamos apenas uma disciplina que era compartilhada por todos orientandos (Práticas de Pesquisa - PPE), enquanto o restante das disciplinas era escolhida livremente pelo acadêmico, de acordo com os interesses de pesquisa. Ainda assim, por ter produzido minhas pesquisas no campo dos Estudos Surdos, em quase todas as disciplinas tive um colega surdo em sala de aula. Houveram, no entanto, alguns poucos casos de disciplinas que embora fossem de interesse dos mestrandos ou doutorandos surdos não tiveram presentes TILSP em sala de aula, seja por terem sido ministradas em período de greve de servidores ou por falta de profissionais para atender a ampla demanda da universidade. Nessas ocasiões geralmente os surdos acabavam optando por se matricular apenas nas disciplinas que tivessem a possibilidade de interpretação simultânea para a Libras.

<sup>9</sup> Fui contratada como terceirizada atuando como TILS na UFRGS durante os anos de 2011 a 2013 e, posteriormente, passei no concurso para o mesmo cargo, tendo atuado desde o fim de 2014 até outubro de 2015. Quando aprovada em um novo concurso, passei a atuar como docente do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da mesma universidade.

programas. Apenas como um exemplo, ao discorrer sobre o processo de tradução de uma tese da Libras para o Português, Rigo (2015) afirma que:

[...] 05 meses foram disponibilizados para a tradução de 30% do texto; 02 meses foram disponibilizados para a tradução de 64%; e 01 mês para tradução de 6%. Entende-se que, devido ao curto período disponível para concepção de grande parte do texto de chegada, a tradução, por ter sofrido pressão de tempo, não pode passar por um minucioso processo de revisão, o que não corroborou o aperfeiçoamento de sua versão final (Rigo, 2015, p. 465).

Estes são apenas alguns dos argumentos que justificam a necessidade de que se pense sobre a presença surda na dinâmica da pós-graduação. Neste trabalho, portanto, pretendo lançar luz sobre a presença/ausência de tradutores e intérpretes de Libras/Português atuantes no espaço acadêmico, bem como sobre as representações circulantes nesses escritos a respeito desses profissionais e sobre os processos de tradução e interpretação.

Metodologicamente, parto de um banco de dados anteriormente produzido, constituído por 207 trabalhos acadêmicos produzidos em 51 instituições (Pokorski, 2020). No entanto, para o presente recorte, optei por trabalhar com uma amostra de cerca de 10% desse montante de pesquisas, buscando, na medida do possível, refletir a diversidade temporal e também institucional dessa totalidade. Foram priorizadas as dissertações por serem o maior número de trabalhos e por apresentarem o maior número de recorrências nas narrativas de si e sobre a experiência de estar na academia.

Dessa forma, a metodologia se baseou em uma análise documental exploratória, que não teve como horizonte o encontro com uma totalidade a respeito da temática investigada, mas compreendeu o recorte como representativo, composto por 28 trabalhos, a seguir descritos:

Quadro 1 – *Corpus* da pesquisa

Tipo de trabalho Dissertação (D) ou Tese (T) e Título	Ano	Instituição	Autor/a
(D) Histórias de vida surda: identidades em questão	1998	UFRGS	Gladis Perlin
(D) História do povo surdo em porto alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural	2004	UFRGS	Gisele Maciel Monteiro Rangel
(D) Mídia televisiva sem som	2006	UFRGS	André Ribeiro Reichert
(D) Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica	2006	UFSC	Flaviane Reis

(D) O Filosofar na Arte da Criança Surda: construções e saberes	2006	UFRGS	Ana Luiza P. Caldas
(T) A Experiência e a Pedagogia que Nós Surdos Queremos	2007	UFRGS	Wilson de Oliveira Miranda
(D) Cultura Surda: possível sobrevivência no campo da inclusão na escola regular?	2008	UFSC	Mariana de Lima Isaac L. Campos
(D) A prioridade dos docentes surdos para ensinar a disciplina Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005	2009	UFBA	Larissa Silva Rebouças
(D) O componente curricular Libras na percepção das acadêmicas dos cursos de pedagogia e psicopedagogia do Unilasalle	2009	Unilasalle	Carlos Roberto Martins
(D) Ciberhumor nas comunidades surdas	2010	UFRGS	Augusto Schallenberger
(D) Proficiência em Língua Brasileira de Sinais - ProLibras: representações sobre o uso e o ensino da Libras	2010	UFRGS	Janaina P. Cláudio
(D) Língua, subjetividade e opressão linguística - interrogações a uma pedagogia (ab)surda	2010	Unicamp	Regiane Pinheiro Agrella
(D) Sinais Caseiros: Uma Exploração de Aspectos Linguísticos	2010	UFSC	Nayara de Almeida Adriano
(D) Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico.	2011	UNB	Gláucio de Castro Júnior
(D) Apontamentos sobre a formação de professores bilíngues para educação de surdos em língua de sinais	2012	Unicamp	Sibele Maria Souza
(D) Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia	2013	UNB	Charley Pereira Soares
(D) A inclusão do aluno surdo no Ensino Médio	2013	UFES	Ademar Miller Junior
(D) Educação de surdos em Passo Fundo: momentos da história da escolarização	2014	UPF	Tatiane de Souza
(D) Tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de surdos: da vitalidade da língua de sinais à necessidade da língua	2014	Unisinos	Nelson Goettert

escrita			
(T) O processo de ensino-aprendizagem de Libras por meio do Moodle da UAB-UFSCar.	2015	UFSCar	Mariana de Lima Isaac L. Campos
(D) Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil	2015	UFSC	Jaqueline Boldo
(D) Marcadores culturais surdos em duas produções recentes de cinema.	2016	Ulbra	Fabrcio Mähler Ramos
(D) Políticas de acessibilidade para surdos: perfil e condições de trabalho dos tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) das escolas da rede estadual de ensino de Curitiba e região metropolitana	2016	UFPR	Danilo da Silva
(T) A cultura dos sujeitos comunicantes surdos: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no Facebook	2016	Unisinos	Janaína Pereira Cláudio
(D) Educação de surdos na fronteira de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)	2017	UFRGS	Cristiano P. Vaz
(D) A escolarização de surdos e o Congresso de Milão: eclosão da normalização para oralidade.	2017	UFOP	Clarissa F. das Dores
(D) Metáfora e Libras: um estudo de léxico	2018	UFSC	Daltro Roque Carvalho Silva Junior
(D) Escrita de sinais: cultura e identidade surda em Rondônia	2018	UNIR	Indira Simionatto Stédille Assis Moura
(T) . Terminologia da Libras: Coleta e registro de sinais-termo da área de psicologia	2018	UFSC	Francielle Cantarelli Martins

Fonte: Elaborado pela autora

Os textos foram revisitados e, com ferramenta de busca simples do Google Docs (Ctrl+F), procurei pelos termos “tradu<sup>10</sup>”, “intérprete”, “interpretação” e “TILS”. Após uma leitura panorâmica do texto ao redor desses termos, elenquei aqueles que poderiam trazer respostas para os questionamentos que movem a presente investigação.

<sup>10</sup> A opção pelo termo recortado se deu pelo fato de ele poder buscar tanto profissionais de diferentes gêneros quanto o próprio processo de tradução.

Esse exercício possibilitou encontrar excertos não somente nas partes introdutórias dos trabalhos, tal como havia feito durante a investigação que resultou em minha tese. Isso foi interessante, pois foram encontrados, por exemplo, TILSP sendo citados nos mais diferentes momentos do processo de desenvolvimento da pesquisa: desde a produção dos dados – como na interpretação simultânea de entrevistas –, no estudo de textos e possível tradução à vista de textos acadêmicos, na interpretação de aulas e na tradução das dissertações e teses da Libras para o Português.

Um segundo movimento metodológico se deu na tentativa de constituição de categorias de análise que foram produzidas a partir de recorrências. Na medida que ia lendo os textos, fui os catalogando em uma tabela, indicando onde o TILSP era citado (agradecimentos, ficha catalográfica, capa, introdução e outros) e criei um arquivo para registrar todos os excertos encontrados. Aos poucos, busquei aproximações temáticas entre eles, o que foi um exercício complexo em decorrência do número de teses e dissertações investigadas. Desse modo, apenas alguns excertos foram trazidos para o texto final, como exemplos de outros semelhantes.

Um terceiro passo foi o de fazer um exercício de revisão literária acerca do tema de pesquisa. Tal atividade foi relevante pois compreendo que nenhuma pesquisa é um empreendimento isolado, ou seja, é sempre necessário refletir sobre o já dito e apontar caminhos que possam avançar, questionar ou até mesmo pensar de outras maneiras o já afirmado. Iniciei ainda durante o semestre em que estava matriculada na disciplina de Metodologia de Pesquisa; no entanto, segui realizando leituras ao longo dos semestres seguintes. O ambiente de busca foi o portal de periódicos da Capes<sup>11</sup> e utilizei os termos “tradutor e intérprete de Libras na pós-graduação” e “tradutor e intérprete de Libras na universidade” como chaves de busca. Também aproveitei a bibliografia presente nos artigos encontrados e fiz uma nova procura por títulos que parecessem ter alguma relação com meus interesses. Na organização da minha escrita, optei por não trazer uma seção específica indicando os resultados, mas trazer os textos para conversarem comigo ao longo de minhas análises.

Movimento semelhante fiz em relação à fundamentação teórica deste trabalho, que foi sendo buscada na medida em que as análises foram sendo produzidas. Por outro lado, as leituras realizadas ao longo da graduação já habitavam meu modo de pensar e certamente se fizeram presentes nos meus “achados” de pesquisa – afinal, percebo que até mesmo a escolha do meu objeto de análise parte de um lugar teórico, ainda que não sempre simples resgatá-lo com clareza.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

Nas seções que seguem, apresento as análises construídas a partir da leitura das teses e dissertações elencadas. Saliento que, na medida em que recorrências foram encontradas ou temáticas foram sendo evidenciadas, as mesmas foram direcionando a busca por outras pesquisas que pudessem conversar com a investigação e subsidiar a construção argumentativa ou ainda guiar a leitura dos dados.

### 3 ONDE ESTÃO OS SURDOS, LÁ ESTÃO OS INTÉRPRETES: A CONSTITUIÇÃO DO PROFISSIONAL TILSP QUE ATUA NO PPG

Historicamente não é possível rastrear o exato momento em que os intérpretes começaram a atuar, mas é plausível imaginar que desde que povos de diferentes línguas mantiveram contato houve, também, a necessidade de intérpretes (Pereira, 2008, p. 138).

Trago o excerto de Pereira (2008) como epígrafe desta seção para que ela nos provoque o pensamento de que, no momento que os surdos sinalizantes adentraram os programas de pós-graduação, com eles também os intérpretes. Não quero com essa afirmação considerar que tivemos um terreno tranquilo – até porque não o temos plenamente até hoje. No entanto, penso que, desde 1998, ano reiteradamente evidenciado como o ano de entrada da primeira surda em um programa de pós-graduação brasileiro, processos de tradução e interpretação foram empreendidos e muitos deles deixam marcas nas formas de ver os profissionais TILSP nos dias de hoje.

Diversos relatos apresentam pessoas distintas assumindo o papel de intérpretes nas aulas, sobretudo colegas e familiares. Em um período em que “não se tinham intérpretes”, ou melhor, não havia o direito ao acesso linguístico garantido, ou políticas de inclusão e políticas afirmativas consolidadas, ter a presença mínima da língua de sinais em sala de aula era visto como um ganho:

Consegui transferência [...]. Lá também não tinha intérprete e tinha que me esforçar muito para entender algo por meio de leitura labial. Logo fiz amizade com **uma colega chamada Lígia que se mostrou interessada em aprender Língua de Sinais para interpretar** as disciplinas para mim na sala de aula, mas ela, sendo aluna como eu, não poderia ao mesmo tempo ser intérprete ou estaria se prejudicando. Assim, ensinei alguns sinais contextualizados para Lígia e ela me passava os conceitos dados em aula (Agrella, 2010, p. 78-79, grifo nosso).

Às amigas queridas, que me acompanharam ao longo do Doutorado: Lara, Neiva, Vânia e Diléia. Agradeço pela parceria e amizade. E também **pelas interpretações no grupo de estudo**. Especialmente à Lara, uma grande parceira de trabalho e estudo, que esteve sempre ao meu lado quando eu mais precisava, e **interpretava para mim na época que ainda não tinha intérprete contratado pela universidade** (Campos, 2015, p. [5], grifo nosso).

O espaço dos agradecimentos, como é o caso do excerto de Campos (2015), é onde se encontra o maior número de menções aos TILSP, possivelmente por ser um espaço mais livre, em que as narrativas de experiência são recorrentes e até mesmo esperadas (Pokorski, 2020). Nesse espaço, é possível se deparar com inúmeras realidades, desde excertos que contam sobre o processo de contratação desses profissionais pela universidade, a interpretação informal

executada por colegas, amigos, bolsistas, até relatos que remetem a uma presença de maneira consolidada e permanente na instituição.

Os relatos encontrados nas teses e dissertações apontam para diferentes conjunturas marcadas por espaços e tempos distintos, além de representações sobre esse profissional. O excerto de Agrella (2010), recentemente destacado, é provocativo para se questionar quais seriam as possibilidades de alguém interpretar uma aula nas condições ali anunciadas. Além da impossibilidade de aprendizado fluente de uma língua em tão pouco tempo, quais seriam as competências tradutórias dessa colega que aparentemente aprendia a língua de sinais somente no contato cotidiano das aulas?

Um outro excerto aborda uma situação semelhante em que colegas exercem a função de “intérpretes” das aulas. Sublinho neste trecho, porém, dois pontos: a ênfase na noção de solidariedade; e a ideia de que saber uma língua acarreta saber interpretá-la, o que não é um fato.

Confesso que na minha formação acadêmica, em alguns momentos, também sofri por falta de intérpretes e fiquei na dependência da ajuda solidária dos amigos e amigas. Sempre fazia trabalhos em grupo com Amauri Moret e Ednéia Bento, eles sempre me apoiavam quando não tinha intérprete. Havia em nossa turma, muitos alunos que sabiam LIBRAS, mas poucos tinham solidariedade na hora que eu precisava de apoio para compreender os textos acadêmicos. A minha turma era muito amigável, mas **infelizmente eles não conheciam minha cultura e identidade, e quando faltava intérprete eles não se importavam comigo ou não se davam conta que eu precisava do apoio deles para compreender os textos indicados pelos professores** (MOURA, 2018, p. 55, grifo nosso).

Obviamente, este excerto isolado não nos possibilita compreender todo o contexto de sala de aula, mas desde já acho importante salientar que o nível de exigência de conhecimento de uma língua e de estratégias tradutórias é bastante grande no âmbito acadêmico. Dito de outra forma, saber se comunicar em Libras não é o suficiente para traduzir ou interpretar em qualquer circunstância, muito menos nesse espaço específico.

Para reforçar esse questionamento, valho-me da argumentação proposta por Vasconcelos e Bartholamei Junior (2009) sobre as duas competências mínimas para a tradução – a linguística e a referencial –, as quais têm relação com o conhecimento de uma temática específica ou capacidade de buscar esse conteúdo. Segundo os autores, “A competência linguística é uma condição essencial – ou seja, sem ela não é possível realizar um ato tradutório – mas não suficiente – ou seja, apenas o conhecimento dos dois códigos não faz de um indivíduo um tradutor/intérprete” (Vasconcelos; Bartholamei Junior, 2009, p. 15). Além disso os mesmos

autores reforçam, a partir de Gonçalves e Machado (2006), um quadro com 17 competências necessárias para a tradução, dentre as quais estão, para além da competência linguística entre ambas as línguas envolvidas, conhecimentos temáticos, terminológicos, culturais, bem como relacionados à prática profissional, ao uso de fontes de documentação, dentre outros.

O desenvolvimento das competências tradutórias deve ser pautado na formação, a qual aparentemente não fazia parte da experiência dos colegas mencionados nos excertos nos quais a atividade tradutória era exercida de maneira completamente informal. Nesse sentido, Pereira (2008) discute o que o campo dos Estudos da Tradução tem produzido a respeito da formação dos TILSP. Segundo a autora:

Mesmo quando alça posições nos programas de pós-graduação, o estudo da interpretação de língua de sinais é focado, quase que exclusivamente, em seu viés educacional relacionado à inclusão escolar das pessoas surdas. Em sua abordagem como um processo entre duas línguas legítimas, como uma interação entre sujeitos e culturas, nos Estudos da Tradução, são bem mais raras as incursões. Infelizmente, a atuação dos ILS [Intérprete de Língua de Sinais] é encarada, por boa parte da sociedade, como uma atividade caritativa e assistencial, não como uma profissão que necessita de suporte teórico e que compartilha, com os tradutores e intérpretes de línguas vocais, de muitos aspectos em comum (Pereira, 2008, p. 136).

Dinarte e Russo (2015) complementam os dizeres da autora ao realçarem que o Ensino Superior tem se destacado como um espaço de “[...] ascensão social para os surdos ao mesmo tempo em que impõe a necessidade de uma formação mais profícua dos TILS que atuam neste nível de ensino” (Dinarte; Russo, 2015, p. 175). No entanto, ainda há um caminho a ser trilhado para que se tenha um descolamento da ideia de “atividade caritativa e assistencial” – tal como apontava Pereira (2008) – e se construa uma compreensão do TILSP “[...] como um trabalhador, como um intelectual que deve dispor de tanta autonomia quanto qualquer tradutor ou intérprete de línguas cujo *status* já é estabelecido” (Pereira, 2008, p. 176).

Por um lado, os relatos nas teses e dissertações contam um pouco sobre a história das pessoas surdas na constituição de uma comunidade surda acadêmica e apontam caminhos para se pensar essa presença na academia; por outro, evidenciam que paralela e paulatinamente também se consolida a presença do TILSP na universidade, a qual também possui desafios e práticas estritas a esse ambiente específico e às linguagens nele presentes.

Interessante atentar para o fato de que não foi encontrada uma linearidade temporal entre as narrativas. Poder-se-ia pensar que, ao olhar para as dissertações e teses mais antigas, seriam encontrados relatos semelhantes aos trazidos por Agrella (2010), e que aos poucos fosse possível ir se deparando com relatos que abordassem o conceito de direito linguístico, até que a presença do intérprete passasse a ser vista como algo corriqueiro. No entanto, não foi possível perceber essa estrutura linear.

Sibele Souza, em sua dissertação produzida na Universidade de Campinas (Unicamp) em 2012, comenta sobre a presença de intérpretes nas aulas, mas cita que por vezes eles ainda atuavam voluntariamente, e discute a necessidade de se ter profissionais concursados da instituição. Indira Moura, em 2018, na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em seus agradecimentos cita uma amiga que atua como intérprete voluntária, e comenta sobre as aulas que frequentou sem intérpretes:

Agradeço todos os meus colegas do Mestrado em Letras e principalmente professores pela compreensão. Frequentei as aulas sem/com intérpretes, sem entendidos, incomunicados, foi muita luta, angústias e choros, grato apoio dos professores me deram atenção, especialmente de meu lado Edneia Bento que voluntária, me ajudou muito Libras sala (Moura, 2018, p. 7).

Às intérpretes Vanessa Martins Oliveira e Rita de Cássia Floriano por interpretarem as disciplinas que selecionei na UNICAMP, alguns trabalhos voluntários e outros com pagamento da UNICAMP. Foi difícil para nós, lutamos muito para conseguir, espero que melhorem as condições no futuro e que haja concurso para intérpretes. Muito obrigada mais uma vez, continuamos amigas pesquisadoras (Souza, 2012, p. 6).

Fazendo um contraponto, já na dissertação de Gládis Perlin, publicada vinte anos antes de Moura, a pesquisadora traz, em diversos momentos, narrativas que dizem sobre a luta pelo direito ao intérprete. Ainda na prova de seleção ela solicitou que fosse acompanhada por um intérprete e que tivesse a sua escrita surda aceita. Segundo a autora,

[...] os intérpretes de língua de sinais representam para os surdos a possibilidade de comunicação com a língua auditiva, de dizer nosso pensamento aos ouvintes que não nos conhecem, de contar histórias, de negociar com sujeitos que nem sempre ousam se aproximar temendo a dificuldade de comunicação (Perlin, 1998, p. 10).

Na sequência de sua escrita, ainda que não traga detalhes sobre a sua experiência como primeira surda do PPGEDU/UFRGS, a então mestranda, afirma que percebia que não era vista como um sujeito naquele espaço, fato que se modificou no momento que passou a ter como orientador o professor visitante Carlos Skliar, o que possibilitou que sua pesquisa fosse desenvolvida no campo dos Estudos Culturais. Uma outra conquista importante, que acompanhou e afirmou essa mudança epistemológica, foi o direito ao intérprete, que substituiu o trabalho informal que as colegas de pesquisa vinham fazendo nas aulas:

Como usuária da língua de sinais, para mim, o direito a intérprete particular foi a outra nova mudança. Podia finalmente acompanhar as aulas e expor minhas ideias, no curso de pós-graduação, sem depender das colegas mestrandas que trabalham na mesma linha teórica dos estudos surdos. Através do intérprete fiquei surpresa com a variedade e profundidade dos temas discutidos na academia, aos

quais até então, não tinha acesso (Perlin, 1998, p. 12).

Em um período semelhante, no ano de 1997, segundo relato trazido na dissertação de Gisele Rangel, a pesquisadora “atuava na vice-coordenação do setor de intérpretes da FENEIS” (Rangel, 2004, p. 16). Ela comenta das lutas que ela e seus colegas travavam pelo direito a presença de intérpretes nas aulas da graduação e na sequência evidencia o contexto político e social vivenciado pela comunidade surda no período, o qual se relaciona com o movimento que na época se estabelecia com Gládis Perlin, na UFRGS.

Nesta época, criamos o núcleo para surdos, Núcleo de Estudos Surdos dentro da ULBRA, atual IPESA - Instituto de Pesquisa em Estudos Surdos e da Acessibilidade, e fundamos o escritório regional da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS/RS, onde lutamos para que o surdo tivesse condições e direito de exercer sua cidadania.

Nossas diferenças culturais e linguísticas não eram respeitadas. Hoje, no entanto, podemos contar com intérpretes quando da realização de provas, seminários, eventos, etc, e conforme Portaria do MEC nº 1.679, de 02 de dezembro de 1999, Art.2º, parágrafo único: “ao universitário surdo é garantida a presença do intérprete de LIBRAS” [...] (Rangel, 2004, p. 17).

Ressalto, portanto, que essas mudanças e conquistas não acontecem de maneira isolada, mas em um contexto de efervescência cultural, e fortalecimento dos movimentos surdos, dos quais também participaram os intérpretes. Além disso, percebe-se que a obtenção de direitos é feita entre indas e vindas, existem, porém, dois eixos importantes: a legislação que fornece subsídios para as reivindicações e a coletividade que fortalece as mobilizações. Este segundo ponto poderia explicar o motivo para que tenhamos encontrado narrativas posteriores evidenciando a falta de intérpretes, possivelmente em programas com poucos ou apenas um estudante surdo.

Sobre os aspectos legais, para além da portaria citada por Rangel, em 2000 tivemos a Lei 10.098 que menciona o direito à interpretação para a Libras, no entanto, possivelmente o principal marco legal que potencializa a língua de sinais e profissionalização do TILSP foi o Decreto 5626/2005 que, ao regulamentar a Lei de Libras, além de garantir o direito linguístico das comunidades surdas, deu destaque em seu capítulo V, à formação desse profissional (Anater; Passos, 2010).

Um dos relatos encontrados reforça o argumento construído de que a presença dos intérpretes se produz dentro de um contexto legal e social. Charley Soares, em sua dissertação, comenta, por exemplo, que “[...] não teve entraves quanto ao reconhecimento de direitos a ter

um profissional intérprete” (Soares, 2013, p. 16), uma vez que não era o primeiro surdo da instituição. Além disso, afirma que a Lei de Libras “[...] garante aos usuários dessa língua o direito ao intérprete” (Soares, 2013, p. 16).

As conquistas legais, ainda que não tenham garantido a atuação dos intérpretes desde o início da formação acadêmica dos surdos, trazem a esta presença um caráter de direito, e subsidiam a sua reivindicação. Na narrativa de Flaviane Reis, apresentada a seguir, ela comenta sobre a experiência que teve na graduação. Ainda que tenhamos o relato de colegas assumindo o papel de intérpretes como acontecia nas experiências iniciais de Gládis Perlin e tantos outros, por compreender que a presença do intérprete não é um ato de benevolência, mas um direito assegurado por lei, a então estudante se empodera para exigir que tenha o seu direito linguístico respeitado:

Tentei conseguir intérprete através da SUEE, mas não obtive sucesso. O jeito foi, como sempre, contar com a colaboração de meus colegas e com meu esforço. Ao mesmo tempo, ameacei iniciar uma denúncia ao Ministério Público. Logo a reitoria percebeu e contratou imediatamente um intérprete de língua de sinais brasileira. Não fiquei satisfeita, pois perdi muitas matérias desde o primeiro período e a contratação foi apenas no quinto período, mas consegui superar as dificuldades. (Reis, 2006, p. 23)

Outro destaque, a respeito de políticas conquistadas, precisa ser dado ao Programa de Acessibilidade na Educação Superior (INCLUIR), que posteriormente deu base à criação de núcleos de acessibilidade permanentes nas universidades. Isso ocorreu a partir de 2011, com o objetivo de promover ações que efetivassem participação das pessoas com deficiência na vida acadêmica. Alguns núcleos ou programas foram citados nas teses e dissertações analisadas:

Contudo, é necessário, é imperioso que eu registre aqui um agradecimento mais que especial a este órgão, que foi meu porto seguro na academia, no processo de investigação e elaboração dessa dissertação. **Sem o NEI o que seria de mim dentro das dependências da UFOP?** Como seria garantida minha acessibilidade linguística em um espaço onde eu era e sou minoria? O NEI proporcionou meu acesso ao conhecimento, à construção do saber (Dores, 2017, p. 8, grifo nosso).

Agradeço à Ulbra por manter profissionais intérpretes de Libras e, em especial, ao PPA (Programa Permanente de Acessibilidade) por atender minha necessidade de ter intérpretes em todas as aulas, pois sem estes a minha trajetória teria sido muito mais difícil, mas finalmente estou chegando ao pódio (Ramos, 2016, p. 7).

A respeito dos núcleos de acessibilidade, retomo aqui a formação promovida pelo INCLUIR/UFRGS, referenciada na introdução deste trabalho. Nos minutos iniciais do

encontro, Ângela Russo comenta sobre a portaria normativa nº 7018 de 17/10/2023<sup>12</sup>, que estabelece instruções sobre a atuação do INCLUIR. Nas seções que tratam de maneira específica sobre os processos de interpretação e tradução Libras - Português/Português-Libras na universidade, indica um tempo mínimo de 20% da carga horária dos TILSP para preparação e estudo de suas atividades laborais e atuação em duplas com tempo de revezamento de 20 minutos entre os profissionais, exceto em alguns casos específicos. Além disso, na mesma portaria é salientada a necessidade do reconhecimento da autoria das traduções produzidas pela equipe quando os serviços de tradução são utilizados em publicações de trabalhos, temática que discutirei na seção 4.3 deste trabalho. Na sequência, no entanto, Ângela salienta que a conquista desta regulamentação é fruto de lutas pelo reconhecimento do trabalho do tradutor intérprete, as quais vêm sendo produzidas há muitos anos, argumento que se soma ao que tenho discutido até aqui.

Algo interessante de ser evidenciado é que lutas de anos dentro de um setor, como é o caso do INCLUIR, só são possíveis em um contexto no qual se tem um quadro efetivo de servidores. Nessa condição, eles que podem refletir sobre, buscar formação e aprimorar a sua prática bem como as negociações com outros setores da própria universidade. Assim como as reivindicações surdas se fortalecem no momento que o número de pesquisadores se amplia e até mesmo passam a se inserir na universidade como docentes, o mesmo acontece com os intérpretes quando entram no quadro de servidores concursados da instituição e não atuam isoladamente a partir de contratos por vezes inclusive de curta duração. Não se pode negar, porém, que todos esses movimentos transbordam o espaço institucional e são também calcados em mobilizações externas, vinculadas a associações ou federações de TILSP.

Alguns excertos, por exemplo, nos apresentam estruturas de trabalho muito diferentes daquelas conquistadas pelos profissionais da UFRGS e registradas na referida portaria.

Aos intérpretes: Thalita Chagas Silva Araújo, Roberto César Reis da Costa, Fred Moreira e Ronaldo Freitas. Agradeço pela ajuda e pela grande paciência, pois interpretaram aulas da Pós-Graduação em Educação, muitas vezes durante 4 horas sem substituição, em alguns casos, interpretando a fala de professores estrangeiros que não pronunciavam bem o português brasileiro (Rebouças, 2009, p. 8).

A pesquisadora apenas traz o relato sem discutir as possíveis implicações de um trabalho de interpretação individual por um longo período, mas aqui me reservo a abrir espaço para pensar um pouco a este respeito: no processo de interpretação simultânea para além do desgaste

---

<sup>12</sup> Disponível em <https://www.ufrgs.br/prae/wp-content/uploads/2023/10/7018-Portaria-Normativa-INCLUIR.pdf>. Acesso em 25 jan. 2024.

físico há também estresse cognitivo, que podem, além de implicar na perda da qualidade interpretativa, em efeitos na saúde do profissional intérprete. Isso é salientado por Nogueira (2016) em sua dissertação.

[Alguns autores] alertam que LER (ou occupational overuse syndrome, em inglês) é um perigo principalmente para intérpretes que trabalham sozinhos durante grandes períodos, sendo assim, de acordo com os autores, **a interpretação em equipe é uma técnica valiosa para reduzir o estresse físico e mental.**

Para as mesmas autoras, trabalhar em equipe significa lidar com um parceiro, **de modo que as responsabilidades vão se alternando entre os intérpretes**, quando um tem a função “ativa” no momento da atuação enquanto o outro na função “passiva” aguarda para assumir a função “ativa” e, nesse momento, **tem a responsabilidade de dar suporte à interpretação.**

Contribuindo ainda em relação ao trabalho em equipe, Hoza (2010) afirma que, em torno dos anos de 1980, nos EUA, **a consciência a respeito da perda da qualidade na interpretação após 30 minutos de trabalho, devido à fadiga e o risco de consequências físicas, por conta do uso excessivo dos membros superiores, contribuíram para se iniciar um processo de criação de equipes em eventos.** (Nogueira, 2016, p. 83, grifo nosso).

Esses argumentos são importantes para se pensar na profissionalização do intérprete, movimento que é benéfico tanto para esses profissionais quanto para os surdos que desfrutam de serviços de maior qualidade. No entanto, essas temáticas são sensíveis, pois “Os TILS são herdeiros de um histórico de atuação baseada na caridade, de ajuda aos surdos, de informalidade. [...] Mesmo se afastando de um modelo de atuação caritativo, ainda permanece um tipo de compromisso social com os surdos.” (Dinarte; Russo, 2015, p. 184). Desse modo, ter alguém que se dedica, ainda de maneira voluntária, por horas, mesmo que a despeito da própria saúde, carrega quase que um sentido de sacrifício religioso.

A chave para a virada de sentido, contudo, está no próprio protagonismo surdo, que não deve mais se enxergar como o público-alvo da benevolência, mas como um sujeito de direitos.

Tanto os surdos, cuja ascensão social recente agrega um teor político e de contestação à sua presença na universidade, quanto os TILS, que trazem, de maneira semelhante, vieses políticos que produzem efeitos em sua consolidação profissional, aparentam certa dificuldade em construir uma relação de trabalho em que as marcas históricas não sejam um entrave à consolidação da atuação dos TILS. Talvez não seja mesmo o caso de eliminar as marcas históricas dessa relação, mas de nelas imprimir um movimento, falar dessas marcas, dizê-las do ponto de vista de uma necessária convivência e de uma urgente tradução a ser realizada pelas coletividades sinalizantes (Dinarte; Russo, 2015, p. 177).

Os excertos encontrados nas teses e dissertações possibilitam pensar sobre alguns efeitos destes encaixes e desencaixes de sentidos, vinculados a marcas históricas da constituição de uma profissão e traços de diferentes contextos sociais e políticos de atuação. Há, por exemplo, diversas formas com que os TILSP são adjetivados. Diversos termos são utilizados, os quais nos apontam para as relações estabelecidas no ambiente acadêmico e para

representações que transbordam os significados relativos àquilo que seria estritamente linguístico ou acadêmico.

Os TILSP são destacados, por exemplo, como sendo “os suportes teóricos, morais, psíquicos e espirituais” (Reichert, 2006, p.6) e o “porto seguro na academia” (Dores, 2017, p. 8). São enfatizados vínculos de amizade, momentos de trocas de experiência e de saberes, parcerias, evidenciando que ainda que se produza uma relação profissional, ela não é isenta de afetos<sup>13</sup>.

Ao meu amigo Neemias Gomes, pelo constante aprendizado, pelo apoio e pela companhia. Amigo! Obrigado por ser a minha voz. Minha confiança depositada em ti em aceitar realizar minhas interpretações é um valor inestimável! (Castro Junior, 2011, p. 5).

À minha amiga, tradutora e intérprete Ângela Russo, pelas trocas de ideias, pelas discussões teóricas, pelo tempo de dedicação, pela paciência quando dos momentos de angústia e ansiedade e pelos longos papos acompanhados de chimarrão. (Caldas, 2006, p. 5)

À querida Andreia Mendiola Marcon, intérprete de LIBRAS / Língua Portuguesa, pelos muitos momentos de partilhas, angústias, alegrias, amizade, paciência e vitórias. (Souza, 2014, p. 3)

As minhas amigas que também foram minhas tradutoras/intérpretes e revisoras nessa jornada do Mestrado e da dissertação: Edneia Bento e Ariana Boaventura ficam aqui, minha gratidão, meu respeito, minha admiração e minha devoção. intransponíveis em palavras e pela pesquisa e empurrãozinho dado para que eu conhecesse e integrasse o grupo de pesquisa e equipe, eu amo vocês azuis. (Moura, 2018, p. 7)

Esta seção subsidiou a compreensão de como determinadas práticas se estabeleceram e possibilitaram a existência das diferentes representações a respeito dos tradutores intérpretes e registros de processos de tradução e ou interpretação se fizessem presentes nos textos surdos. Na próxima seção, me proponho a olhar um pouco mais de perto para as dinâmicas estabelecidas na presença do TILSP na pós-graduação, as quais se relacionam com as representações a respeito das práticas tradutórias. É interessante, portanto, que as discussões até aqui trazidas sejam utilizadas como uma chave de leitura para as seções que seguem.

---

<sup>13</sup> Particularmente, compreendo que trabalhos que envolvem pessoas dificilmente são isentos de afeto e até é desejável que laços sejam construídos – sobretudo no âmbito acadêmico, visto tantas vezes como um ambiente solitário e hostil. Por outro lado, é necessário que se faça a distinção daquilo que é da ordem do afeto e da construção de relações saudáveis, daquilo que é da ordem da caridade, da benevolência ou da falta de reconhecimento profissional que por vezes acaba criando uma ideia de voluntarismo compulsório.

#### 4 A PRESENÇA DO TILSP NA VIDA ACADÊMICA: DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA À PUBLICAÇÃO TEXTO FINAL

[...] a conquista da universidade é uma conquista de mundos, uma conquista de um outro mundo e dentro desse mundo, outros mundos, porque a universidade não representa apenas um mundo, uma cultura, uma tradição, um pensamento, uma sociedade. O nome já representa bastante isso (Gersem José dos Santos Luciano, Povo Baniwa).<sup>14</sup>

Na seção anterior, guiada pelo objetivo específico desta investigação, tive por objeto de análise excertos que diziam sobre o contexto da presença/ausência de intérpretes nos programas de pós-graduação, bem como sobre relações estabelecidas com esse profissional, que possibilitam perceber sentidos que vêm sendo construídos a respeito do/a Tradutor/a Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa ao longo dos anos e nos mais diferentes contextos. Neste momento, vinculada ao objetivo geral deste TCC, me proponho a seguir investigando as representações a respeito dos TILSP. De maneira mais pontual, me debruço sobre os processos de tradução e interpretação relatados nas teses e dissertações elencadas.

Trago como epígrafe de abertura desta seção a fala do professor doutor Gersen José sobre a entrada da população indígena na universidade. A escolha dessas palavras tem relação com a premissa de que, assim como para os indígenas, para os surdos a entrada na universidade – e sobretudo na pós-graduação – possui significados específicos. Além disso, abre mundos para que a língua de sinais passe a habitar e se constituir.

Nesse sentido, concordo com Dinarte e Russo (2015, p. 176) ao afirmarem que a pós-graduação é um ambiente “[...] que guarda especificidades, onde a presença do TILS se aproxima não apenas da atuação em sala de aula, para mediar a comunicação entre professor e aluno, mas também da pesquisa, da produção de conhecimento por parte de pesquisadores surdos e ouvintes”.

Compreendo, portanto, que, no momento que os surdos adentram os programas de pós-graduação e aos poucos vão se constituindo como pesquisadores e acadêmicos, também vemos aflorar um outro perfil profissional, que difere em alguma medida do intérprete educacional, mesmo aquele que atuava no contexto da graduação. A pós-graduação tem uma característica importante que é a de buscar a inovação e a especificidade das pesquisas, o tempo todo novos conceitos são discutidos, temáticas são aprofundadas, conhecimentos são produzidos e postos

---

<sup>14</sup> Trecho da conferência de abertura do 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação, intitulada “Presença Indígena na universidade: outras formas de pensar o mundo”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IBYXxGfMxLo&t=3876s>. Acesso em 9 fev. 2024.

em circulação. Além disso, a dinâmica dos cursos de mestrado e doutorado não envolvem apenas frequentar um determinado número de créditos em disciplinas, mas também o desenvolvimento da pesquisa através de diferentes metodologias que podem envolver saídas de campo, entrevistas, dentre tantas outras possibilidades. E por fim, no momento da conclusão do curso se espera a publicação de uma dissertação ou uma tese, previamente apresentada para uma banca avaliadora.

O excerto a seguir, trecho de um agradecimento, evidencia um pouco os múltiplos espaços de atuação do TILSP:

As tradutoras intérpretes Camila Freitas e Christiane Miranda que me acompanharam nesse período de estudo, estiveram comigo na banca de qualificação, nas aulas, orientações, nas traduções de textos, na defesa dessa dissertação, meu agradecimento especial a vocês meninas! (Dores, 2017, p. 8)

As características da dinâmica da pós-graduação, imprimem na atividade laboral dos TILSP inúmeros desafios, tanto de ordem linguística quanto tradutória. Os excertos a seguir, chamam atenção para essa distinção:

As intérpretes Clara e Shanna que tiveram grande paciência e compreensão, mesmo em momentos de **dificuldades para interpretar**, pois são **suas primeiras experiências como intérpretes nas aulas de mestrado**, agradeço porque elas seguiram comigo nesse caminho, até a finalização dessa dissertação (Ramos, 2016, p. 7, grifo nosso).

Aos intérpretes Felipe Teles e Philipe Domingos pelo seu trabalho de interpretação de todas as disciplinas do PPGE, muito obrigado pela aprendizagem em minhas aulas de Mestrado em Educação. Pelos seus esforços em realizar a **difícil tarefa de tradução** para a Língua de Sinais dentro de uma academia e por terem conseguido passar os conteúdos em minha língua. Também contribuíram na tradução César Cunha, Fernanda Nogueira, Jefferson Bruno Moreira Santana e Mariana Malta. Muito obrigado aos tradutores e intérpretes das Línguas Portuguesa e Brasileira de Sinais. Tenho muito a agradecer a todos! (Miller Junior, 2013, p. 6, grifo nosso).

Parece que a atividade na pós-graduação coloca em evidência que não existe uma automaticidade nos processos de tradução e interpretação, ou seja, é necessário fazer escolhas, buscar estratégias para a produção de sentidos outrora na língua fonte para a língua alvo. Juliano e Cittolin (2005), ao discorrer a respeito das definições sobre a tradução, produzem argumentos que podem ser úteis para reforçar esta premissa. As autoras apontam, a partir de Campos (1986), que a tradução seria uma tentativa de recriação do texto original; portanto, não é possível ser feita de diferentes maneiras. Posteriormente, reforçando o mesmo argumento, as autoras também citam Frota (1999), que considera a tradução como uma reescritura.

Nesse processo, cabe salientar que “[...] não existe uma palavra equivalente a cada uma das outras na língua estrangeira [ou língua alvo]” (Juliano; Cittolin, 2005, p. 4). A tradução, portanto, envolve o entendimento do significado e transposição para a outra língua “[...] com a estrutura e as palavras que forem necessárias e que não serão, necessariamente, as do texto original.” (Juliano; Cittolin, 2005, p. 4). Nesse sentido, algo que precisa ser pensado é o fato de que os termos em uma língua não existem antes que haja necessidade da comunidade linguística se expressar sobre eles. Desse modo, é possível pensar que a ascensão dos surdos aos cursos superiores e à pós-graduação, sobretudo, trouxe efervescência lexical para a Libras, uma vez que conduziu para dentro da língua discussões que antes não circulavam nela. Nesse ponto, concordo com Juliano e Cittolin (2005), quando afirmam, a partir de Schulte e Biguenet (1992), que “[...] a tradução funciona como uma forma de revitalização da língua, que pode estimular a criação de novas palavras na língua traduzida e influenciar as estruturas gramaticais e semânticas da mesma, portanto, pode ser vista como enriquecimento da língua” (Juliano; Cittolin, 2005, p. 4).

Augusto Schallenberger, em sua dissertação, comenta sobre essas mudanças na Libras. Segundo o pesquisador, ainda que muitos conceitos circulassem na língua oral há muitos anos, eles não adentravam à comunidade surda e não pareciam fazer falta. Todavia, quando uma comunidade surda acadêmica passa a se constituir, o mundo acadêmico – que até então se produzia apenas nas línguas orais – precisa ser traduzido, e nesse processo tanto surdos quanto intérpretes estão envolvidos.

Os intérpretes não poderiam deixar de ser mencionados. Óbvio, juntos a eles, nós surdos construímos em língua de sinais os conceitos ostensivamente utilizados pelos ouvintes; no entanto, estes devem ser traduzidos. Há tempos atrás parecia não haver esta necessidade, tudo parecia tranquilo, nada parecia estar fora do lugar, mas agora posso perceber certos movimentos que antes eram obscuros. Isto pode ser uma sensação minha frente à imposição dos ouvintes, do português, do fato de que eu não imaginava que os surdos poderiam chegar onde chegaram. (Schallengerber, 2010, p. 47)

Algo bastante semelhante é afirmado a partir da perspectiva dos próprios intérpretes:

A academia funciona como um dos espaços em que se amplia o escopo do que é tratado nessa língua. Os TILS fazem parte desse processo, compondo a comunidade interpretativa junto às pessoas surdas. Não é apenas o tradutor e o intérprete que realizam um trabalho de leitura e interpretação – toda a comunidade é autora nesse processo (Dinarte; Russo, 2015, p. 191).

Ainda sobre esse aspecto, os mesmos autores comentam sobre a prática tradutória na pós-graduação que acontecem de maneira dinâmica entre os sujeitos envolvidos, tanto surdos quanto TILSP: “Para os TILS que atuam na pós-graduação, fica evidente o trabalho conjunto

que deve ser desenvolvido junto aos surdos, no sentido de colocar em circulação discussões que ainda não possuem referências empíricas anteriores na prática de interpretação e tradução” (Dinarte; Russo, 2015, p. 179).

Percebe-se, na análise desenvolvida até aqui, especificidades e desafios relativos aos temas e terminologias específicas postas em circulação a partir do ambiente da pós-graduação. No entanto, para além desses aspectos, foram encontrados excertos que remetem aos diferentes espaços e momentos nos quais a tradução e a interpretação se fazem presentes ao longo do percurso acadêmico dos mestrados e doutorados surdos. De modo a colocar uma lupa sobre cada um deles, na sequência desse texto discorro sobre três pontos: a prática de interpretação na dinâmica da sala de aula; a presença do TILSP no desenvolvimento da pesquisa; e os processos de tradução envolvidos na escrita do texto final, ou seja, a tese ou dissertação.

#### 4.1 A PRÁTICA DE INTERPRETAÇÃO NA DINÂMICA DA SALA DE AULA

A entrada das pessoas surdas nos programas de pós-graduação sem dúvida trouxe efeitos para as dinâmicas desse espaço. Conforme tentei sublinhar na seção anterior, esse processo carregou consigo para dentro das paredes do ambiente universitário outras temáticas, outras formas de pensar e fazer a pesquisa. Trouxe também a sua língua e, com ela, os processos de tradução e interpretação, tal como tenho discutido ao longo deste texto.

A presença surda – bem como a do intérprete – deixa marcas, repercute, ou ao menos é o que se espera. Isso porque no momento que a presença parece ser nula na dinâmica de sala de aula, isso parece indicar uma anulação do próprio sujeito.

Na sequência, apresento dois excertos, retirados da mesma dissertação. Em um deles, é destacada a ausência do intérprete em sala de aula, fato que, ao ser ignorado pelos docentes, imprime no sujeito a necessidade de auxílio e esforço individual redobrado; no seguinte, a presença do intérprete é vista como imprescindível, chegando a mudar a dinâmica não somente da sala de aula, mas do planejamento pedagógico das aulas.

Acessibilidade linguística foi um dos maiores desafios que enfrentei no mestrado. Era situação muito difícil para mim porque alguns professores **começavam a aula mesmo sem intérprete**, e eu acaba (sic) sendo prejudicado por falta de acessibilidade linguística. Os colegas que sabiam Libras deixavam sua condição de alunos para interpretar para mim, o que acabava prejudicando também aprendizagem deles. **Às vezes tentava fazer leitura labial**, mas não tinha um slide com palavras-chave e imagens que ajudasse contextualizar a comunicação do professor (Moura, 2018, p. 56, grifo nosso).

No mestrado em letras identifiquei-me muito com as disciplinas de pluralidade cultural e sociolinguística. Pluralidade cultural ministrada pela professora Nair Gurgel foi a única disciplina com métodos e materiais adequados para minha cultura e identidade. **Em todas as aulas ela**

**procurava conferir se tinha acessibilidade linguística para mim.** Além disso, **ela encaminhava todo o conteúdo com antecedência para o intérprete** e só começava a aula quando ele chegava (Moura, 2018, p. 53, grifo nosso).

Ao olhar para a dinâmica da sala de aula expressa nas teses e dissertações de surdos, está impresso a centralidade do intérprete, representado como aquele que possibilita a inserção efetiva da pessoa surda nesta dinâmica. Cabe, no entanto, trazer essa afirmativa em suspeição – afinal, o funcionamento da sala de aula e a efetiva participação e aprendizagem dos estudantes não se restringe apenas à presença ou ausência de uma língua acessível. Na conjuntura da sala de aula, há diversos aspectos envolvidos, que vão desde o planejamento, a organização dos espaços, estratégias didáticas, avaliativas *etc.* Parece-me excessivo resumir à presença/ausência do intérprete o funcionamento de toda uma dinâmica multifatorial que se estabelece na sala de aula e nos processos de ensino e aprendizagem nela envolvidos. Além disso, parece construir uma representação de que a interpretação seria um processo quase mágico que traria consigo o respeito ao sujeito, a sua cultura e possibilitaria, quase que de maneira automática, a sua apreensão das aulas.

Retomando as representações sobre os TILSP, foram encontrados distintos modos de referenciar. Porém, em muitos excertos, o intérprete é representado como quem além de mediar relações entre colegas e professores (Campos, 2008), possibilita a participação, a compreensão dos conteúdos, enfim, o acesso ao mundo acadêmico – ou, parafraseando a metáfora utilizada por Gersem na abertura da seção 4 deste trabalho, é o intérprete que possibilita a real conquista desses tantos mundos presentes e possíveis de serem construídos no universo da pós-graduação.

Os intérpretes estavam presentes em todas as disciplinas em que me matriculei, tornando possível o acompanhamento, a participação, valorização de meus estudos e a ampliação de horizontes (Claudio, 2010, p. 19).

Aos intérpretes de LIBRAS, por traduzirem os conteúdos nas aulas, nas orientações e nos seminários. Isso me permitiu compreender melhor os significados e refletir cada vez mais (Claudio, 2016, p. 7).

Neste ponto, creio que caiba uma breve reflexão: Estariam essas narrativas excluindo o professor do processo pedagógico, centralizando no/a intérprete esse processo? Ou será que existiria uma compreensão de que as dificuldades ou facilidades de participar da vida acadêmica se restringem à língua presente em sala de aula, sem levar em conta a profundidade dos conceitos, as diferentes abordagens didáticas e metodológicas possíveis e a própria complexidade das linguagens acadêmicas?

Na impossibilidade, de, neste momento responder a qualquer um desses questionamentos, na sequência discorro sobre narrativas que contam sobre o que acontece para além da sala de aula, e que se constitui como o centro do processo de um mestrado ou doutorado: o fazer e o registrar a pesquisa.

## 4.2 TILSP NA PRODUÇÃO DOS DADOS

Bons estudos frequentemente estão associados a inesperadas "sacações"! (Costa, 2007, p. 140).

Início esta seção com um trecho do artigo “Uma agenda para jovens pesquisadores”, de Marisa Costa, por considerar que ele diz muito sobre os sentimentos envolvidos na escrita desta e da próxima seção. Qualquer pesquisa é instigada por algo que nos move (ao menos assim devem ser as pesquisas, para que valham a pena) e a temática do/a intérprete que se vincula à entrada dos surdos na Pós-Graduação esteve presente em grande parte das reflexões que produzi ao longo de todo o curso de bacharelado e mobilizou esta escrita.

Habitualmente, quando tecemos nossas perguntas de pesquisa, carregamos em nós algumas hipóteses e até mesmo algumas respostas preliminares que geralmente são as que guiam as nossas primeiras análises. Contudo, o ato de pesquisar pode (e é interessante que assim seja) envolver o contato com o inesperado, mesmo que ele esteja imbricado naquilo que já nos era comum, rotineiro. Muitas vezes, inclusive, o corriqueiro toma ares de novidade justamente pelas lentes teóricas que vestimos, ou pelas leituras que fazemos que possibilitam olhar para o mesmo de outro modo.

Assim se constitui a sequência desse trabalho: por mais que desde praticamente o início da minha vida acadêmica eu tenha compartilhado experiências com acadêmicos surdos, pouco eu percebia das práticas tradutórias envolvidas para além das interpretações simultâneas nas aulas. Foi muito interessante para mim, ao fazer a leitura das teses e dissertações, me deparar com os TILSP para além do espaço da sala de aula, sendo presença registrada ao longo de todo processo de construção da pesquisa. O intrigante é que eu mesma já havia atuado na tradução de entrevistas na época em que atuei como TILSP na universidade. Porém, sem ter acesso às leituras desenvolvidas para o presente estudo, na época não reconhecia o valor ou as características do trabalho feito.

Talvez deveria parecer óbvio – afinal, muitos contextos e objetos de pesquisa das investigações surdas se constituem em ambientes nos quais o português se faz presente.

Todavia, em poucos textos a presença da tradução e interpretação é evidenciada no desenvolver da pesquisa.

Nas recorrências encontradas, a metodologia de pesquisa empregada era a de entrevistas. No entanto, ambos excertos a seguir parecem abordar compreensões distintas a respeito da tradução. Rebouças (2009), por exemplo, conceitua o processo de registro das entrevistas filmadas – possivelmente produzidas em Libras e traduzidas para o português como uma transcrição, apagando o processo tradutório, imprimindo nele uma visão de automaticidade. Miranda (2007), por sua vez, parece trazer para o tradutor o papel de revisor da tradução feita por ele mesmo, ou talvez ainda pudesse ser lido que dois processos tradutórios sejam ali envolvidos: um interlingual, da Libras para um português escrito a partir de parâmetros surdos, e outro intralingual, desta versão para uma outra, escrita em um português formal.

A Neemias Santana, intérprete que também trabalhou nas aulas da Pós-graduação e que, além disso, me ajudou a transcrever as entrevistas filmadas. Neemias me incentivou muito a observar com cuidado as filmagens destas entrevistas gravadas com professores surdos de outros estados brasileiros (Rebouças, 2009, p. 8).

Entrevisto com filmagem e traduzo o texto escrito a LS em Português, depois verificado pelo orientador e pelo tradutor-intérprete (Miranda, 2007, p 53).

A tradução como transcrição parece remeter ao que Freitas (2008, p. 97) apresenta ser a concepção de tradução do século XIX: “[...] uma atividade mecânica de reprodução e o tradutor como copista de textos”, a qual foi aos poucos dando lugar a questionamentos acerca da autoria e autoridade do tradutor – ainda que, segundo Freitas (2008), tais debates sejam inconclusivos. O termo transcrição aparece também no texto de Adriano, ainda que seja dada a ênfase na existência de duas línguas envolvidas. A presença da intérprete, no entanto, parece atender apenas a uma formalidade de língua almejada, ou seja, a tradução parece ser vista apenas como aquela que possibilita o registro em um padrão específico de língua.

A transcrição foi feita por mim com ajuda de intérprete da Libras, pois esta deve ser feita por pessoa fluente em ambas as línguas (fonte e alvo), em nosso caso a LSC e a língua portuguesa (LP), respectivamente, embora seja utente da Libras os registros serão transcritos em Português pelo fato de que a escrita de sinais ainda se constitui para mim objeto de estudo, não tendo ainda me apropriado dela. [...] Como pesquisadora, devo levar em conta as convenções da transcrição da LS para a LP, por isso a necessidade de ter junto a mim uma intérprete da Libras durante todo o desenvolvimento da pesquisa (Adriano, 2010, p. 46).

Algo semelhante se faz presente no texto de Miranda (2007), que mais uma vez aborda a tradução como transcrição. Neste excerto, no entanto, me parece que ele não reconhece a

tradução, justamente por compreender que a escrita em português, para ele, é algo que se coloca entre-línguas, ou, nos termos utilizados por ele e que também haviam sido destacados na dissertação de Perlin (1998), trata-se de uma escrita em língua de fronteira.

No referencial metodológico, a palavra viva destas experiências foi primeiramente captada pela filmagem, e depois foi transcrita a fim de tornar possível uma primeira passagem da Língua de Sinais para o escrito. Trabalhei o material escrito para que se fundisse num verdadeiro texto, um texto a minha própria mão e minha mente onde coabitasse dois “idiomas”, duas maneiras singulares de se exprimir numa língua da fronteira [Nota de rodapé: São duas maneiras de se exprimir numa língua de fronteira pois: o primeiro o português é limitado, a segunda a Língua de Sinais também é limitada pelo compromisso de me fazer entender ao intérprete e ao leitor] (Miranda, 2007, p. 11).

Ainda sobre o excerto de Miranda (2007), me chama atenção um pequeno trecho trazido na nota de rodapé em que optei por trazer acompanhando o excerto: ele me parece afirmar que sua expressão em língua de sinais precisou ser limitada para ser compreendida pelos intérpretes, tal como se ele dissesse que sabia *a priori* que, se sinalizasse livremente, seu pensamento não seria possível de ser traduzido. Penso que, no ano de 2007, quando ele finalizou a escrita de sua tese, a formação dos TILSP era ainda fragilizada; por outro lado, me questiono a respeito das experiências que teriam sido vivenciadas por ele para que sentisse a necessidade de constituir seu texto nesse formato. Além disso, saliento a necessidade de que a formação do TILSP leve em conta as especificidades cada vez mais emergentes da prática tradutória no âmbito acadêmico, que demandam linguagens particulares.

Outro registro é feito por Adriano (2010), ao comentar sobre a produção dos dados de sua pesquisa junto a pessoas surdas e seus familiares. Uma sequência de processos foi envolvida na aplicação de questionários com pessoas surdas não usuárias da Libras: a familiar interpretava dos sinais caseiros para o português, que na sequência eram interpretados para a Libras para então serem compreendidas pela pesquisadora surda.

Fiz as visitas acompanhada por Izaete Vieira, intérprete da Libras, que me acompanhou em todas as fases da pesquisa. Ela possibilitou meu diálogo com os familiares dos surdos colaboradores, o preenchimento dos questionários e o registro gráfico de todo o meu trabalho. É importante esclarecer que em alguns momentos os familiares desses surdos eram quem faziam a tradução para mim, pois os sinais usados por eles eram de conhecimento apenas de seu grupo familiar. Um exemplo disso foi a gravação do diálogo de Coqueiro com sua mãe. **Ela traduziu todo o diálogo e a intérprete o repassou em Libras para mim.** Após tomar conhecimento dos significados dos sinais caseiros, por meio da tradução da mãe de Coqueiro, foi possível continuar o trabalho em contato direto com ele (Adriano, 2010, p. 41-42, grifo nosso).

Em um último processo tradutório evidenciado no trabalho com entrevistas, tem-se a presença clara de duas línguas registradas, inicialmente em vídeo na língua fonte e

posteriormente na escrita na língua alvo, o que nos aproxima do conceito de tradução indicado por Harris (1995) em contraponto ao conceito de interpretação. Harris (1995), embora indique existiria uma concepção geral da tradução que englobaria a interpretação, evidencia que a interpretação e a tradução se distinguem enquanto modalidades, por trabalharem respectivamente com textos orais (e textos sinalizados) e escritos. A distinção feita pelo autor parece ser reforçada e complementada por Ferreira e Rodrigues (2020), quando elencam algumas características da tradução para [e da] a Libras na qual se pode considerar o vídeo como uma forma de registro da língua – tal como a escrita –, indicando que a tradução se diferencia da interpretação também pela forma de registro.

Em ambos os excertos a seguir, as entrevistas foram produzidas e registradas em Libras e, somente então, para publicação nas dissertações, foram traduzidas para o português. No excerto de Caldas (2006), fica evidente que a tradução não objetiva a sua utilização na produção do seu objeto de análise, mas atende à necessidade acadêmica de que os registros sejam produzidos na língua portuguesa. A pesquisadora inclusive ressalta que seu estudo foi produzido a partir do texto sinalizado, compreendendo que a tradução poderia interferir na linearidade de suas análises.

No caso da entrevista com os ex-presidentes da ASPF, tanto a pesquisadora como os sujeitos da pesquisa utilizaram LIBRAS. A entrevista foi videogravada e realizada na residência dos sujeitos da pesquisa. A filmagem foi depois traduzida pela intérprete de LIBRAS, da Universidade de Passo Fundo (Souza, 2014, p. 13).

Cabe destacar que as análises foram feitas principalmente a partir das filmagens, já que nelas os sujeitos utilizam a LIBRAS, que é também a minha língua nativa. Portanto, os fragmentos das entrevistas aqui apresentados foram traduzidos para o português após a minha análise, **evitando assim outras interferências no processo das análises** (Caldas, 2006, p. 69, grifo nosso).

Nos últimos excertos elencados, as pesquisadoras apresentam as suas experiências acadêmicas imersas em processos de tradução: é a tradução que possibilita o seu acesso aos saberes no mundo acadêmico, assim como é também ela que possibilita que sua pesquisa circule de maneira mais ampla nesse mundo e para além dele.

Uma última consideração, importante de ressaltar, é o fato de que minha dissertação está marcada pela tradução feita pela tradutora e intérprete Ângela Russo, quem esteve presente durante os momentos de interpretação dos textos teóricos, buscando equivalências lingüísticas da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais, a fim de um melhor entendimento sobre as teorias. Além disso, estas marcas passam também pelos momentos de tradução para a Língua Portuguesa das falas dos sujeitos nas entrevistas (Caldas, 2006, p. 14-15).

Para **produção dos dados da pesquisa, é fundamental reconhecemos o papel dos tradutores da língua sinais na construção dos resultados.** Isso, porque foi necessária uma transposição didática não apenas da escrita do surdo para o português, mas principalmente a tradução cultural dos conceitos teóricos que tive que apreender para a análise dos resultados. A práxis tradutora dos intérpretes foi de fundamental importância, porque tivemos momentos carregados de reflexões culturais para compreensão dos conceitos dos estudos culturais relativos (Moura, 2018, p. 16).

A reflexão proposta por Moura (2018) acerca das traduções envolvidas na construção dos resultados de uma pesquisa mobiliza a pensar sobre as reflexões propostas por Weininger (2009) acerca da equivalência na tradução. O autor se ancora em diferentes pensadores para discutir qual a equivalência possível ou almejada em cada texto e evidencia que “[...] mesmo as equivalências aparentemente claras podem enganar [...]” (Weininger, 2009, p. [10]) – afinal, os significados são produzidos na cultura. Ao me deparar com imagem do tradutor como o responsável pela tradução dos conceitos teóricos que dão base a análise de resultados, tal como afirmado por Moura (2018), penso sobre o que é discutido por Weininger (2009) a respeito do papel ativo do leitor na produção dos sentidos do texto, desconstruindo a possibilidade de encontro com as reais intenções do leitor ou com a significado último de um texto.

Em um dos poucos artigos encontrados sobre a tradução do gênero acadêmico do Português para a Libras, Medeiros (2018), ao discorrer sobre o processo metodológico empreendido na tradução de um artigo para a Libras, apoiado em reflexões propostas por Sobral (2008), reforça o papel ativo do tradutor como leitor e autor. Para ele, “[...] traduzir é rediscursivizar, transpor e transcriar um discurso em outro discurso” (Medeiros, 2018, p. 139).

Não é o caso de afirmar que a tradução seria, portanto, um empecilho, até porque os relatos nos apontam justamente o contrário. Contudo, urge pensar sobre os seus efeitos e destacar cada vez mais a sua presença no texto. A quem, como eu, busca a formação ou atua na área, cabe seguir buscando a melhor tradução possível, mas tendo a “[...] consciência das limitações e da impossibilidade da equivalência como tal” (Weininger, 2009, p. [16]).

Retomando as reflexões propostas por Medeiros sobre o processo de tradução do artigo intitulado *Os nomes dos outros: reflexões sobre os usos escolares da diversidade na Educação*, de Skliar e Duschatzky, cabe ainda um último destaque: enfatizar a existência da tradução também tem relação com o reconhecimento do trabalho empreendido nesse processo. Medeiros (2018), por exemplo, relata que o processo de tradução das 16 páginas do artigo totalizou cerca de 70h de trabalho, envolvendo pesquisa, estudo, pré-tradução, elaboração de roteiro de tradução, gravação, edição e revisão.

Nesta seção, procurei lançar luz sobre as diferentes práticas tradutórias envolvidas na construção da pesquisa desenvolvida por surdos, que vão desde a produção dos dados à leitura dos textos e apropriação teórica que subsidia o trabalho com esses dados. A parte final da seção abarca a temática da tradução em seu sentido mais estrito, não mais englobando a interpretação, Os conceitos de autoria e equivalência são trazidos como chave de leitura, perfazendo uma ponte na seção que construí na sequência. Nele, a ênfase é dada justamente à tradução e ao registro/ausência do/a tradutor dos textos que constituíram o objeto desta pesquisa.

### 4.3 TRADUÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES

É importante frisar que a atividade dos TILS não se restringe à interpretação simultânea em sala de aula. Tais profissionais, em consequência de boa parte dos surdos apresentar um histórico acadêmico de insuficiente aquisição da língua portuguesa, também atuam realizando a tradução de dissertações, teses e demais gêneros de textos científicos (Dinarte. Russo, 2015, p. 179).

A interpretação tem sido por muitos anos o centro da prática dos TILSP, no entanto, nos últimos anos o campo da tradução tem se ampliado, o que se reflete nas produções acadêmicas sobre a temática da prática da tradução de Libras e Língua Portuguesa, ainda que a maioria das pesquisas ainda compreenda a tradução na direção Português-Libras e não na direção contrária Libras-Português (Rigo, 2015). Fazendo um recorte sobre a tradução Libras-Português do gênero acadêmico na direção Libras-Português, na revisão literária proposta por Natália Rigo, a autora havia encontrado apenas um trabalho acadêmico:

*Traduções Acadêmicas da Língua de Sinais para o Português Escrito: a urgência e emergência desse trabalho* [...] Neste trabalho, os autores abordam a urgência de registros acadêmicos sobre essa prática, corroborando com o presente artigo que aqui é proposto como uma forma de avançar e reforçar as discussões sobre a tradução de Libras para o Português (Rigo, 2015, p. 462).

Ao olhar para as teses e dissertações de surdos, um processo semelhante acontece, enquanto grande parte dos textos evidencia a presença de intérpretes no percurso acadêmico, pouquíssimo reconhecem formalmente o/a tradutor/a do texto escrito. Por exemplo, em minha pesquisa de doutorado, durante a análise das capas e pré-textos de 207 trabalhos, encontrei em apenas duas fichas catalográficas o registro do/a tradutor/a do texto. Em somente oito produções, esse registro aparece na capa ou nas folhas de rosto, espaço em que o/a tradutor/a compõe juntamente com o pesquisador a autoria do texto.

Figura 1 - Registro formal de tradução

<p style="text-align: center;">Jaqueline Boldo</p> <p style="text-align: center;"><b>INTERCORRÊNCIAS NA CULTURA E NA IDENTIDADE SURDA COM O USO DA LITERATURA INFANTIL</b></p> <p>Dissertação apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha de Ensino e Formação de Educadores, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.</p> <p>Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiana Tramonte</p> <p>Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladis Perlin</p> <p>Tradutoras: Ana Paula Jung e Natália Rigo</p> <p style="text-align: right;">Florianópolis 2015</p>	<p style="text-align: center;"><b>CIP – Catalogação na Publicação</b></p> <p>Vaz, Cristiano Pereira Educação de surdos na fronteira de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) / Cristiano Pereira Vaz. – 2017. 117 f.</p> <p>Orientadora: Lodenir Becker Karnopp.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.</p> <p>1. Educação de surdos. 2. Língua de sinais. 3. Experiência visual. 4. Surdos da fronteira. 5. Representação. I. Karnopp, Lodenir Becker, orient. II. Título.</p> <p>Nota: Parte da dissertação foi produzida na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e traduzida para a Língua Portuguesa por Adriana Maria Arioli e Luciane Bresciani Lopes.</p>
--	---

Fonte: Boldo (2015) e Vaz (2017).

Uma hipótese possível para pensar esses dados é a de talvez exista um receio de compartilhar essa autoria, por pensar que ela daria a entender que, enfim, o surdo não seria o protagonista de sua pesquisa. Essa representação ainda é bastante vinculada a conceitos de incompletude, falta, muito presentes em discursos clínicos que marcaram e ainda marcam as experiências de ser surdo. Outra hipótese seria a compreensão da tradução como um processo linear de simples transposição, quase que automática de uma língua para outra, que deste modo não precisaria ser evidenciada.

Nathalia Rigo, ao discorrer sobre o processo de tradução da tese de Fernanda Machado confere subsídios para quebrar esse suposto receio de que ao se registrar a tradução, se deixaria de reconhecer a autoria do pesquisador: “[...] vale considerar que a própria elaboração de uma tese de doutorado já confere um status intelectual diferenciado para a acadêmica surda enquanto *emissora* do texto de partida, uma vez que lhe atesta competência intelectual perante a comunidade acadêmica.” (Rigo, 2015, p. 466). O interessante no registro do processo de tradução, é a evidência da presença de duas línguas no ambiente acadêmico e na construção do saber científico, não se trata, portanto, de disputar a autoria ou a autoridade sobre o texto, mas

destacar a impossibilidade de apagamento da tradução e a partir disso, reivindicar o direito a ela.

Novamente percebemos que o que conduz a tradução não é nenhuma propriedade em relação à língua, nenhuma autoridade moral em relação ao texto, mas, ao contrário, um movimento essencialmente textual que engaja os tradutores. Nesse sentido é que não podemos ver os TILS e surdos em lados opostos, um lado dos profissionais e outro dos receptores. A neutralidade, diante disso, não é possível, já que o engajamento na tradução é provocado pelos textos que solicitam a tarefa tradutória. De outra parte, a tradução como mediação não nos parece uma definição adequada, já que o sentido dos textos não é restituído em uma língua e outra; há um duplo movimento entre textos, um contorno a ser criado na língua de sinais no sentido de atualizar a criação realizada na língua fonte (Dinarte; Russo, 2015, p. 180-181).

Alguns excertos se aproximam desta compreensão ao chamar atenção para as “várias mãos” (ou em outros textos, várias vozes) presentes no texto.

No que tange especificamente a esta dissertação, vale ressaltar que foi realizada por “várias mãos”, isto é, foi escrita por mim, mas contou com a participação de profissionais bilíngues como os tradutores intérpretes de Libras e minha orientadora, os quais foram vitais para garantir a acessibilidade durante todo o processo de escrita até a etapa da versão final do texto. (Silva, 2016, p. 6, nota do autor e da orientadora).

Concepção bastante semelhante é trazida na dissertação de André Reichert, o qual salienta que essas “várias mãos” trazem marcas de autoria no texto final ali apresentado, evidenciando a impossibilidade de apagamento da presença da tradução.

[...] esse trabalho foi escrito a muitas mãos. Além das minhas mãos surdas tentando escrever em Português, tive as mãos de minha co-orientadora, professora Maura, as mãos de meus intérpretes Luiz, Karin, Cristina e Ângela. Todos juntos, de muitas formas, produzimos o texto que apresento. Com certeza vocês encontrarão estilos marcados da escrita de cada uma dessas pessoas. Não apagamos tais estilos justamente para deixamos marcada a maior dificuldade que encontrei durante esses dois anos de pesquisa, ou seja, escrever em Português ideias, interpretações e sentimentos construídos em Língua de Sinais (Reichert, 2006, p. 15).

A leitura deste excerto me remeteu a uma banca que assisti, na qual uma das professoras chamou atenção para como o texto final da tese da pesquisadora surda marcava excessivamente estilos de escrita, o que afetava a coesão do texto. Neste ponto, me parece que há de se pensar que, embora essas marcas de autoria não tenham como ser apagadas, é preciso pensar em um trabalho em equipe a ser desenvolvido que objetive a mesma tradução. Nesse ponto, as leituras e as escolhas terminológicas precisam ser pensadas de maneira coletiva para que, ao final, se tenha um único texto. Seria interessante até mesmo que fosse feita uma revisão final no texto que garantisse um mesmo estilo de escrita.

Outra recorrência encontrada nas teses e dissertações é a representação da tradução como um “mal necessário”. Em alguns excertos há o questionamento da necessidade de que a pesquisa produzida pelos surdos tenha de ser registrada em português, o que remete à reivindicação do *status* linguístico da Libras no âmbito acadêmico. Outros excertos compreendem a necessidade de que suas pesquisas sejam lidas pela população não fluente em Libras, e justificam com isso a necessidade da tradução.

Assim, tenho consciência da relevância política dessa pesquisa para mim e para o povo surdo do Estado de Rondônia, por isso, fiz a opção de contar com a colaboração das tradutoras Ednéia Bento e Ariana Boaventura para que as minhas reflexões teóricas produzidas em língua de sinais fossem melhor compreendidas pelos ouvintes por meio da escrita em português. (Moura, 2018, p.17)

Em um trecho seguinte da mesma dissertação, Moura (2018) parece nos apresentar um sentido complementar para a tradução de seu texto sinalizado para a língua portuguesa: o português é acentuado como uma língua na qual importantes histórias são registradas, além de ser a língua que possibilita que seu texto seja lido de maneira mais ampla e sua história conhecida para além da comunidade surda.

Após realizada a tradução, enquanto uma lia oralizando em português, a outra sinalizava em Libras para mim. O resultado foi que nos emocionamos constantemente ao perceber que minha vida estava sendo traduzida para a língua portuguesa escrita. Eu nunca imaginei que poderia um dia ser autora de minha própria história escrita em língua portuguesa, ou que isso tocaria de forma sensível o coração de outras pessoas ouvintes. Foi um trabalho demorado e cansativo, mas profundamente gratificante para as pessoas realmente envolvidas no processo. (Moura, 2018, p. 26)

Os relatos também nos apontam para diferentes processos tradutórios, por vezes não tão fáceis de serem descritos como nos casos manifestados nos artigos de Medeiros (2018) e Rigo (2015) nos quais temos claramente dois registros de textos: um produzido em português escrito e outro texto em Libras, em vídeo.

Embora cada um dos artigos tenha contado sobre processos tradutórios em direções opostas, em ambos os artigos tanto o texto de partida como o de chegada podiam ser mensurados e resgatados. Processo semelhante parece ter sido adotado na dissertação de Indira Moura:

Meu orientador, o professor João Carlos Gomes, ao perceber que escrever algo tão pessoal em outra língua também me oprimia, ao não me sentir segura com as escolhas das palavras, sugeri que, em alguns contextos mais complexos, eu fizesse narrativas filmadas em vídeo para que as intérpretes os traduzissem ao português, numa proposta de narrativa que fosse resultado do pensamento da cultura e identidade surda, sem a interferência da cultura ouvinte. As duas intérpretes são hábeis pesquisadoras que contribuíram de forma significativa com a tradução para a produção dos dados e análise dos resultados da pesquisa (Moura, 2018, p. 26).

No excerto apresentado, a tradução é focalizada como um processo complexo. No entanto, chama atenção a compreensão de que a tradução profissional seria vista como a forma mais eficaz para que menos interferências pudessem ser percebidas no texto de chegada. Algo interessante e relacionado é a ênfase dada pela autora ao fato de que as intérpretes também são pesquisadoras, remetendo a um perfil almejado para a atuação no âmbito da pós-graduação.

Outros processos podem ser observados no caso dos relatos aqui analisados, que por vezes o texto de partida parece se apresentar de maneira efêmera, sem que exista um registro de sua existência para além de sua tradução:

Apresento inicialmente minha história de vida revelando a forma de escrever em língua portuguesa, com a colaboração de intérpretes e tradutores da língua sinais para assegurar meu modo de compreensão. (Moura, 2018, p. 18)

O intérprete está na minha frente agora realizando uma tarefa nada fácil que envolve diferentes produções de sentido. Por exemplo: utilizei em determinado momento do meu trabalho um sinal que em português a intérprete traduziu no sentido de “completo”. A minha co-orientadora leu meu texto e pediu que eu revisasse este conceito, que eu pensasse melhor no sentido de uma relativização desta palavra. Entendi o que minha orientadora solicitou, mas entendi também aí um certo conflito lingüístico, onde a língua oral e a LIBRAS não compartilha de um mesmo significado para o sinal de “completo”. (Reichert, 2006, p. 42-43)

No excerto da dissertação de André Reichert, é destacado um dos desafios da tradução: a possibilidade da busca de equivalências entre as línguas, questão que foi discutida brevemente na seção anterior. Sobre este aspecto, Souza (1998) afirma que

não existe equivalência total entre as línguas no nível da forma, mas existe equivalência no nível do conteúdo comunicativo. Em outras palavras, cada língua é um sistema sui generis, um código próprio, com suas próprias formas e regras, mas é também, ao mesmo tempo, um sistema de comunicação, o que torna possível a tradução (Souza, 1998, p. 53).

Deste modo, a solução seria buscar uma correspondência de significação entre as línguas, ou em outras palavras, obter na tradução uma possibilidade de reconstrução, não do termo em si, mas do sentido atribuído a ele na língua e cultura de origem.

A procura por essa equivalência parece também estar em destaque no agradecimento de Martins (2009) em sua dissertação aos “intérpretes” que “ajudaram” na tradução do trabalho, na qual destaca a fidelidade como uma característica almejada no texto traduzido.

Às intérpretes de Libras Maria Cristina Viana Laguna e Quetlin Ester Camargo Ribeiro de Araújo, que me ajudaram na tradução deste trabalho, sempre muito atenciosas e preocupadas com a fidelidade da tradução, cumprindo seus papéis com ética e qualidade, em uma sintonia impressionante, me deixando à vontade para produzir esta pesquisa, tornando-a agradável, possível e preciosa (Martins, 2009, p. 5).

A respeito da fidelidade, Rosa (2006), a partir da leitura de Rónai (1952), afirma que haveriam duas fidelidades que estariam no horizonte da tradução: a fidelidade à língua de partida e à língua de chegada. Deste modo, “[...] o compromisso de fidelidade requeriria do tradutor a busca de um equilíbrio entre a alteridade e a identidade com o original” (Rosa, 2006, p. 126). A fidelidade, portanto, não teria relação com uma tradução literal ou termo a termo, mas com um conhecimento profundo de ambas as línguas envolvidas no processo tradutório. A partir disso, se deixa de pensar na tradução como uma atividade mecânica e linear e “[...] o papel do tradutor torna-se singularmente mais importante e se transforma numa atividade seletiva e reflexiva” (Rosa, 2006, p. 128-129).

Uma última recorrência encontrada remete à concepção que aproxima a tradução da revisão. A revisão pode ser vista como uma tradução dentro de uma mesma língua. No entanto, nos casos aqui apresentados, a Libras não deixa de se fazer presente, ainda que seja no modo que a escrita se articula, uma vez que ela parte de um pensamento que constitui na língua de sinais.

Às tradutoras e intérpretes de Libras que revisaram meu texto em língua portuguesa, Nairana Sedrez e Paula De David. Obrigada pela compreensão e respeito para com minha primeira língua, a Libras (Martins, 2018, p. 9).

A Gisele, obrigado pela tradução e correção de português. - A querida Saionara (Nara). Obrigado pela tradução e correção que fizeste da minha dissertação. Pela paciência, esforço e dedicação. Muito obrigado pela confiança e pela prontidão de me ajudar! (Silva Junior, 2018, p. 8).

O foco desta seção foi a tradução, sobretudo da Libras para o Português, a qual resulta nos textos a partir dos quais, as análises deste TCC foram desenvolvidas. A tradução é representada como um processo complexo, necessário tanto para atender a demandas acadêmicas quanto para fazer circular conhecimento por outras línguas e culturas. Por fim, um dos destaques é a presença ativa do tradutor na composição da autoria do texto, temática que deve ser discutida com mais profundidade em estudos futuros.

## 5 CONCLUSÃO

[...] todos, surdos e ouvintes, estão traduzindo textos, interpretando, produzindo sentidos, a partir de informações que, por adventos históricos de opressão e exclusão social, deixaram de circular nas comunidades surdas por muito tempo (Dinarte; Russo, 2015, p. 179).

Finalizo este texto colocando em destaque a premissa que ancorou todas as análises ao longo destas páginas: a cada novo espaço habitado pelos surdos, lá estarão processos de tradução e interpretação sendo produzidos. Os relatos presentes no recorte efetuado para esta investigação colocam em evidência a história de uma comunidade surda acadêmica que acontece em paralelo à consolidação de um perfil profissional específico do tradutor intérprete que atua na pós-graduação.

Tendo por objetivo específico discutir o contexto histórico, social e político que possibilitou a existência das diferentes representações a respeito dos TILSP e registros de processos de tradução e ou interpretação se fizessem presentes nos textos surdos, pude perceber que, ao longo da história, diferentes pessoas assumiram o papel de intérpretes e tradutores nas relações das pessoas surdas com a sociedade mais ampla. Esse histórico, marcado por uma visão assistencialista e voluntarista, traz efeitos até os dias de hoje nas formas em que esses profissionais são representados.

Por outro lado, ainda que não haja uma linearidade temporal entre as narrativas, percebe-se que direitos são logrados por surdos e ouvintes, atrelados a mobilizações que se vinculam a contextos sociais, históricos e são fortalecidos pela coletividade, que se produzem tanto na consolidação de núcleos de acessibilidade das instituições de ensino, como em grupos de pesquisa ou agremiações de estudantes. As conquistas de direitos linguísticos dos surdos através de uma legislação específica, não garante a efetivação de direitos; contudo, subsidiam a sua reivindicação. Tais conquistas reforçam os movimentos pela profissionalização do TILSP – que, por sua vez, no momento em que as especificidades do exercício laboral desses profissionais são reconhecidas, provocam efeitos na qualidade do serviço prestado à comunidade surda acadêmica.

Em uma relação de mutualismo, a profissionalização dos TILSP, atrelada ao estudo permanente por parte desses sujeitos, se vincula a mudanças epistemológicas a respeito da população surda. Deste modo, valorizar o tradutor intérprete e os processos de tradução e interpretação ressalta a presença surda na academia, suas especificidades e direitos.

A pós-graduação apresenta-se como um espaço de demandas tradutórias específicas advindas de uma dinâmica que envolve não somente a participação em aulas, leituras de textos,

como também o desenvolvimento de investigações e o registro do conhecimento produzido. Em todas as etapas dessa dinâmica, os procedimentos de tradução e interpretação são desenvolvidos. Atentar para eles possibilita refletir sobre o tempo e a energia necessários para que as pessoas surdas possam, de fato, pertencer ao ambiente acadêmico e dele se apropriarem.

Ao investigar as representações a respeito dos TILSP e dos processos de tradução e interpretação postas em circulação nas teses e dissertações produzidas por surdos, percebe-se uma grande ênfase no papel do intérprete que chega a ser representado como o centro das possibilidades de participação efetiva na dinâmica acadêmica. Por outro lado, a tradução ainda não é tão evidenciada, embora se faça presente sobretudo no processo de escrita das dissertações e teses.

Algumas representações foram recorrentes e cada uma delas mereceria mais tempo de análise em estudos posteriores: tradução como transcrição; tradução como revisão; tradução como possibilidade de ampliação de mundos ou diálogo com eles.

Enfatizar os processos de tradução e interpretação envolvidos na presença surda na academia, implica colocar em evidência a não automaticidade desses processos, os quais demandam tempo, estudo, além de se produzirem a partir de escolhas. Embora não tenha sido possível discutir de maneira mais aprofundada a dinâmica de sala de aula, é preciso pensar que a presença do intérprete produz efeitos nela, e por isso ele necessita estar de fato integrado nesta dinâmica, por exemplo sendo subsidiado com envio de materiais anteriores às aulas, de maneira que possa pensar nas melhores estratégias linguísticas e tradutórias para a sua atuação.

As reflexões desenvolvidas ao longo da investigação apontam para a necessidade de pensar sobre diversos aspectos, como os prazos para finalização dos cursos de mestrado e doutorado que precisam levar em conta o tempo investido em uma tradução qualificada; no número de profissionais que seriam necessários para dar conta de todas as demandas da pós-graduação; bem como na formação dos e das profissionais que atuam nesse espaço. Ao discutir, por exemplo, as teses e dissertações produzidas por surdos como possíveis traduções sublinha-se a demanda de que, ao longo de sua formação, o tradutor de Libras e Língua Portuguesa, seja letrado e se aproprie da escrita acadêmica como um possível campo de atuação.

Considero que seria interessante, em estudos posteriores, aprofundar as discussões a respeito dos conceitos de texto, tradução e autoria, que apareceram tangencialmente em grande parte das análises aqui presentes. Além disso, penso que se poderia discutir com maior profundidade a formação dos TILSP, e as competências tradutórias e linguísticas que são necessárias para o seu exercício laboral, de maneira a diferenciar esse profissional de qualquer outro sujeito bilíngue.

Deste modo, ao finalizar esse trabalho, percebo que, assim como em todas as pesquisas que desenvolvi ao longo de minha vida acadêmica, deixo alguns pontos em aberto, caminhos a serem seguidos por mim em estudos posteriores ou por outros pesquisadores que se alinhem ao que discuti ao longo dessas linhas.

## REFERÊNCIAS

- ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais caseiros: uma Exploração de aspectos linguísticos.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- AGRELLA, Regiane Pinheiro. **Língua, subjetividade e opressão linguística - interrogações a uma pedagogia (ab)surda.** 2010. Dissertação (mestrado em educação) - Universidade Estadual De Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2010.
- ANATER, Gisele Iandra Pessini; PASSOS, Gabriele C. R. dos. Tradutor e intérprete de língua de sinais: história, experiências e caminhos de formação. **Cadernos de Tradução, [S. l.], v. 2, n. 26, p. 207–236, 2010.** Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p207>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- BOLDO, Jaqueline. **Intercorrências na cultura e na identidade surda com o uso da literatura infantil.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- CALDAS, Ana Luiza Paganelli. **O Filosofar na Arte da Criança Surda: construções e saberes.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2006.
- CAMPOS, Geir. **O que é tradução.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. **Cultura Surda: possível sobrevivência no campo da inclusão na escola regular?** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências e Educação, Florianópolis, 2008.
- CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. **O processo de ensino-aprendizagem de Libras por meio do Moodle da UAB-UFSCar.** 2015. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2015.
- CASTRO JÚNIOR, Gláucio De. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico.** 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, 2011.
- CLAUDIO, Janaína Pereira. **Proficiência em Língua Brasileira de Sinais - ProLibras: representações sobre o uso e o ensino da Libras.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2010.
- CLAUDIO, Janaína Pereira. **A cultura dos sujeitos comunicantes surdos: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no Facebook.** 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.
- COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (Ed.). **Caminhos investigativos II: Outros modos de fazer pesquisa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. a. p. 139–153.

DINARTE, Luiz Daniel Rodrigues; RUSSO, Angela. Tradução e interpretação de língua de sinais no contexto da pós-graduação: problematizando posições. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v.35, n. esp. 2, p. 174–196, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p174>. Acesso em: 14 fev. 2024.

DORES, Clarissa Fernandes Das. **A escolarização de surdos e o Congresso de Milão: eclosão da normalização para oralidade**. 2017. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Mariana/MG, 2017.

FERREIRA, João Gabriel D.; RODRIGUES, Carlos Henrique. Tradutores e intérpretes surdos: certificação, formação e singularidades. In: RODRIGUES, Carlos Henrique; QUADROS, Ronice Muller de (Orgs). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis: Editora Insular, 2020, p. 349-370

FLORY, Elizabete Villibor; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Bilinguismo precoce e desenvolvimento infantil sob a perspectiva da psicologia genética: resenha de literatura. **Revista Intercâmbio**, [s. l.], v. 19, p. 41–61, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3529>. Acesso em 15 fev. de 2024.

FREITAS, Luana Ferreira de. Tradução e autoria: de Schleiermacher a Venuti. **Cadernos de Tradução**, [s. l.], v. 1, n. 21, p. 95-107, 2008.

FROTA, Maria Paula. Por Uma Redefinição de Subjetividade nos Estudos da Tradução. In: Martins, Márcia A. P. (Org.) **Tradução e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p. 52-70.

GONÇALVES, José Luis Vila Real; MACHADO, Ingrid Trioni Nunes. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução**, [s. l.], v. 1, n. 17, p. 45-69, 2016.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução Daniel MIRANDA; William OLIVEIRA. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio, 2016.

HARRIS, Brian. Panorámica de los distintos tipos de interpretación', traduzido por M. G. Torres. In NISTAL, P. Fernández ; bravo, J.M. (Orgs.), **Perspectivas de la Traducción Inglés/Español**: Tercer Curso Superior de Traducción, Instituto de Ciencias de la Educación, Universidad de Valladolid, Spain, 1995. p. 27-48.

JULIANO, Joice Maria Maltauro; CITTOLIN, Simone Francescon. Tradução: Considerações históricas e definições. **Revista de Letras**, [s. l.], n. 7, 2005. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2245/1406>. Acesso em 29 de fevereiro de 2024.

LOPES, Luciane Bresciani. Emergência dos Estudos Surdos em Educação no Brasil. 2017. Dissertação (Mestrado em educação).Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MARTINS, Carlos Roberto. **O componente curricular Libras na percepção das acadêmicas dos cursos de pedagogia e psicopedagogia do Unilasalle – Canoas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário La Salle, Canoas, 2009.

MARTINS, Francielle Cantarelli. **Terminologia da Libras**: Coleta e registro de sinais-termo da área de psicologia. 2018. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MEDEIROS, Jonatas Rodrigues. Tradução e letramento acadêmico: uma proposta metodológica do processo tradutório do par linguístico língua portuguesa /Libras. **Revista Espaço**, v. jul-dez, p. 133–158, 2018.

MILLER JUNIOR, Ademar. **A inclusão do aluno surdo no Ensino Médio**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

MIRANDA, Wilson de Oliveira. **A Experiência e a Pedagogia que Nós Surdos Queremos**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2007.

MOURA, Indira Simionatto Stédille Assis. **Escrita de sinais**: cultura e identidade surda em Rondônia. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2018.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. 211 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 1, n. 21, p. 135–156, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p135>. Acesso em 14 de fevereiro de 2024.

PERLIN, Gladis. Histórias de vida surda: Identidades em questão. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. **Minha vida duas línguas**: um estudo sobre as experiências de surdos com a escrita acadêmica no Programa de Pós-graduação em Educação/UFRGS. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. **Narrativas Surdas de Percursos Acadêmicos**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - UFRGS, Porto Alegre, 2020.

RAMOS, Fabrício Mähler. **Marcadores culturais surdos em duas produções recentes de cinema**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2016.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **História do povo surdo em porto alegre**: imagens e sinais de uma trajetória cultural. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2004.

REBOUÇAS, Larissa Silva. **A prioridade dos docentes surdos para ensinar a disciplina Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2009.

REICHERT, André Ribeiro. **Mídia televisiva sem som**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2006.

REIS, Flaviane. **Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RIGO, Natália Schleder. Tradução de Libras para Português de textos acadêmicos: considerações sobre a prática. **Cadernos de Tradução**, v.35, nº especial 2, jul-dez, 2015 p. 428-478. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p458>. Acesso em 22 fev. 2024.

ROSA, Andréa da Silva. A (im)possibilidade da fidelidade na interpretação da Língua Brasileira de Sinais. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n. 2, p. 123-134, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/797>. Acesso em 28 fev. 2024.

SANTOS, Luis Henrique Sachi. Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel (Eds.). **Caminhos investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. p. 9–22.

SCHALLENBERGER, Augusto. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2010

SCHULTE, Rainer; BIGUENET, John. **Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

SILVA, Danilo da. **Políticas de acessibilidade para surdos: perfil e condições de trabalho dos tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) das escolas da rede estadual de ensino de Curitiba e região metropolitana**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SILVA JUNIOR, Daltro Roque Carvalho. **Metáfora e Libras: um estudo de léxico**. 2018. Dissertação - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SOARES, Charley Pereira. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, 2013.

SOUZA, José Pinheiro de. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, v.1/2, n. 20, jan./dez.1998. Disponível em <http://www.revistadeletras.ufc.br/r120Art09.pdf> acesso em 18 de janeiro de 2024.

SOUZA, Sibebe Maria. **Apontamentos sobre a formação de professores bilíngues para educação de surdos em língua de sinais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2012.

SOUZA, Tatiane de. **Educação de surdos em Passo Fundo: momentos da história da escolarização**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

VASCONCELOS, Maria Lucia; BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai Antonio. **Estudos da Tradução**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009

VAZ, Cristiano Pereira. **Educação de surdos na fronteira de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2017.

WEININGER, Markus Johannes. Estrela Guia ou utopia inalcançável - Uma breve reflexão sobre a equivalência da tradução. In: CARDOSO, Maurício; HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus Johannes (Eds.). **A escola tradutológica de Leipzig**. Frankfurt: Peter Lang, 2009. p. 19–28.